

as dimensões do comunitário no vale do capão

o vídeo como ferramenta de análise

trabalho final de graduação | faculdade de arquitetura e urbanismo da universidade federal da bahia | 2015.1

AS DIMENSÕES DO COMUNITÁRIO NO VALE DO CAPÃO

O VÍDEO COMO FERRAMENTA DE ANÁLISE

JULIANA RIBEIRO NASCIMENTO

orientação:

PAOLA BERENSTEIN JACQUES

Agradecimentos

Quero aproveitar esse espaço para agradecer a todas as mãos que se uniram à minha na construção desse trabalho.

Agradeço primeiramente a Paola por me encorajar a buscar no tfg um tema que me trouxesse entusiasmo, e por trazer clareza e confiança nas orientações.

A Hugo por ter me dado a inspiração para a escolha desse caminho no Vale do Capão, pela amizade e pelo abrigo; bem como Mariana e Mônica que, assim como Hugo, me acolheram em suas casas; a todos os amigos e moradores do Vale que contribuíram com informações valiosas, sobretudo a Formiga, Mariana, Monica, Samuel, Nem, Danilo, Suelen, Otacílio, Gonie e Jane que participaram diretamente do processo.

A Nina e Tata pela amizade e por proporcionar o ambiente de trabalho favoráveis a superação de todas as crises no caminho, tornando sempre mais leve essa caminhada; a meus amigos Vini, Deco, Rafa, Salvatore, Nanã pela grande força e companhia na reta final. Graças a eles saio da faculdade com um sentimento bom de cooperação e trabalho em grupo e muito grata por tê-los encontrado nesse caminho;

A Kaka, por ser uma super irmã e continuar sempre por perto, mesmo estando a quilômetros de distância; a meu pai pelo estímulo e carinho sempre; a minha mãe por toda a força e inspiração como mulher e por ser sempre o meu porto seguro; a minha vó e a Su, por tudo!

A Bruno por todo o apoio e paciência, sendo um poço de calma em todos os momentos, e por ter me acompanhado nessa viagem, contribuindo para que o tudo fluísse com maior naturalidade.

Índice

| | |
|-----------------------------|-----|
| Apresentação | 07 |
| O Vale do Capão | 21 |
| Roteiro de Viagem | 45 |
| As Dimensões do Comunitário | 85 |
| Vídeo-Montagem | 117 |
| Anexo | 125 |

Apresentação

Este trabalho busca articular dois campos de conhecimento, o cinema e o urbanismo, na intenção de construir uma metodologia de análise urbana a partir do campo e das práticas cotidianas, utilizando o vídeo como ferramenta de aproximação e análise da cidade. O Vale do Capão, distrito de Palmeiras, na região da Chapada Diamantina, Bahia, foi escolhido como objeto de estudo para essa pesquisa por estar passando por transformações profundas decorrentes do turismo crescente na região.

Duas experiências acadêmicas foram determinantes na escolha desse caminho: o ateliê de projeto 5, coordenado por Paola Berenstein Jacques e Eduardo Carvalho, na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA; e a disciplina Seminário, com o tema Representar e Fabricar, ministrada por Alessia de Biase e Jacques Vasseur, realizada durante intercâmbio na Escola de Arquitetura Paris-Belleville. Ambas as disciplinas problematizaram as práticas tradicionais do urbanismo que analisam a cidade por meio de diagnósticos baseados em mapas e dados estatísticos e objetivos, trazendo novas perspectivas para um fazer urbano mais próximo ao cotidiano e às práticas dos moradores.

Durante o ateliê de projeto 5, com o tema Cidade-Montagem, foram apresentadas meto-

dologias que pensam a cidade a partir da experiência, trazendo o engajamento do corpo do arquiteto-urbanista nos processos de apreensão urbana. Fomos a campo com o objetivo de experimentar a rua e as práticas cotidianas a partir de deriva, insistências e interlocuções com moradores. Segundo JACQUES (2006):

“No urbanismo contemporâneo, a distância, ou descolamento, entre sujeito e objeto, entre prática profissional e vivência-experiência da cidade, se mostra desastrosa (...) O sujeito urbanista, ao se esquecer de se relacionar fisicamente, afetuosamente, com a cidade em si, o seu objeto, se distancia desta e por fim projeta espaços espetacularizados ou desencarnados”

As apreensões realizadas no curso do ateliê 5 se aproximam da etnografia urbana que, se baseando nos conceitos da antropologia, pretende resgatar para o urbanismo um olhar “de perto e de dentro”, capaz de explorar aspectos excluídos dos enfoques do urbanismo hegemônico, que priorizam um olhar de “longe e de fora”, a partir de mapas, planos e dados objetivos e estatísticos. A etnografia urbana “permite-lhe captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro e dos grandes números” (MAGNANI, 2002).

É importante ressaltar que os mapas e dados objetivos não foram excluídos da pesquisa, mas sim somados às impressões provenientes da experiência sensível da cidade, o que trouxe uma compreensão muito mais complexa do espaço urbano. Em um segundo momento, foram realizadas montagens com todos os documentos coletados durante a primeira etapa



— mapas, imagens, textos, cartografias sensíveis e narrativas das experiências de campo —, dispondo-os sobre uma mesa e conflitando-os de forma a emergir questões que não seriam vislumbradas em um primeiro momento. Essa ideia de montagem desenvolvida durante o ateliê 5 foi baseada no Atlas-Mnemosyne criado por Aby Warburg (JACQUES, 2014) e no trabalho realizado por Georges Didi-Huberman na exposição Atlas, cómo llevar el mundo a cuestas¹. É uma ferramenta visual na qual são confrontados tempos distintos e que tem a potência de fazer emergir novos significados às imagens e documentos.

“o Atlas é uma apresentação sinóptica de diferenças. Você vê uma coisa e outra coisa completamente distinta colocada ao seu lado. O objetivo é fazer com que se entenda o nexo, que não é um nexo de similaridade, mas uma conexão secreta entre duas imagens diferentes” Georges Didi-Huberman

No curso ministrado por Alessia de Biase e Jacques Vasseur, sob o tema “Representar e Fabricar”², buscou-se investigar qual o papel das imagens e dos imaginários na fabricação dos territórios contemporâneos e como é possível representar a transformação destes espa-

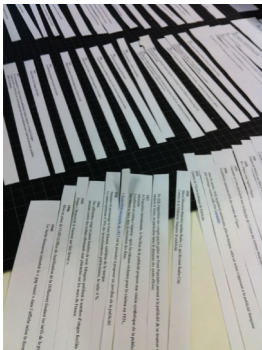
acima. Montagem realizada no ateliê de projeto 5;

1. entrevista com Georges Didi-Huberman, historiador da arte e professor de antropologia visual, durante a exposição Atlas, cómo llevar el mundo a cuestas. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WwVMhi3b2Zo>> acesso em 18/11/2015;

2. Disciplina Seminário Représenter et Fabriquer, coordenada por Alessia de Biase e Jacques Vasseur na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Belleville no ano letivo 2010-2011. Disponível em: <<https://reprenterfabriquer.wordpress.com>> acesso em 18/11/2015

3. banlieue é o nome francês para designar o subúrbio de uma grande cidade.

abaixo. imagens do processo de trabalho na disciplina Seminário "Representar e Fabricar".



ços. Aliando experiências artísticas e antropológicas, buscou-se apreender, compreender, descrever e representar como arquitetos e urbanistas as mutações das cidades e territórios contemporâneos.

Dentro dessa proposição, cada aluno desenvolveu um tema específico, de forma que optei por investigar a imagem do subúrbio parisiense no cinema de ficção e como essa se transformou entre os anos 1920 e 1990. Busquei compreender que tipo de ambiência o realizador do filme deseja criar ao adotar determinados espaços como cenário e como isso se relaciona com o período histórico no qual foi filmado. A *banlieue*³ parisiense já foi vinculada a espaço de lazer, com cenários bucólicos em meio à natureza; a cenário de precaridade para perseguições policiais, nas invasões localizadas do lado externo das antigas fortificações de Paris; passou por um olhar crítico ao representar uma suposta modernidade e progresso dos grandes conjuntos habitacionais no pós-guerra; e, mais recentemente, se tornou o cenário preferido para filmes sobre a violência, tráfico de drogas e conflitos com os imigrantes .

Os filmes de ficção ocupam uma posição central e espetacular no cinema e são mais valorizados pela indústria cinematográfica e pelo público. Em comparação aos documentários, eles são caracterizados por um maior controle e planejamento da produção, mas apesar de ficção, eles possuem também uma presença documental como registro de um tempo.

Os documentários não possuem um controle e planejamento muito definidos e seu processo de filmagem será sempre impreciso, sendo este determinante na definição da montagem e do roteiro. No entanto, a ficção ocorre em qualquer filme, mesmo em um documentário

que se proponha a reproduzir fielmente uma suposta realidade. É preciso considerar que uma história será sempre contada a partir de um ponto de vista e algo sempre irá se perder no processo de montagem. Segundo OLIVIERI (2006):

“O documentário, forma minoritária e marginal do cinema, estabelece uma relação mais direta, próxima e imediata com o mundo em que vivemos que a chamada ‘ficção’, a forma hegemônica, mais valorizada pela indústria e pelo público em geral. Entretanto, essas duas formas não se opõem, são complementares, articulando-se de diversas maneiras. Se o documentário não tem a ficção como forma nem como fim, tem como método ou processo, sendo sempre uma invenção, uma mentira, ‘mesmo o documentário mais honesto’, declarou Agnès Varda. A ficcionalização documentária não acontece pela separação e substituição do mundo vivido ou ‘real’ (como faz, parcial ou totalmente, o cinema de ficção), mas pelo seu entrelaçamento, apreensão e transformação num mundo ‘imaginário’, e seria a única forma de se adentrar numa camada mais profunda da realidade.”

A articulação com o documentário pode trazer importantes contribuições para o urbanismo ao aproximar o arquiteto-urbanista dos habitantes ordinários, em uma busca pela compreensão do outro, e ao tornar visíveis os conflitos das práticas cotidianas ocultos pelos atuais projetos urbanos pacificadores. O documentário urbano, ao recriar a cidade, a coloca em dúvida, tensionando uma suposta realidade.

Ao utilizar o vídeo como dispositivo de análise, busca-se entender a cidade a partir da perspectiva etnográfica “de perto e de dentro”, captando por meio da câmera a experiência de seus moradores ordinários, suas memórias e percursos. Pretende-se com essa ferramenta investigar o processo de transformação urbana a partir do vídeo, de forma a fazer emergir questionamentos em torno da representação e da imagem da cidade. Não se trata de buscar um modelo de verdade; compreende-se que a memória e os imaginários serão sempre reinventados, tendo sua parcela de criação, e são constituídos por um acúmulo dinâmico de fragmentos.

Este trabalho não se propõe a realizar um documentário como um fim, e sim utilizar-se do vídeo como um meio pelo qual se poderá revelar uma pluralidade de discursos heterogêneos. Pretende-se incorporar a noção de Cidade-Montagem, confrontando as imagens e a multiplicidade de pontos de vista, mantendo suas contradições. O resultado dessa montagem a partir de vídeos será uma versão ficcional, construída a partir de uma experiência e ponto de vista.

Objeto de estudo

Neste momento, já se delineava uma metodologia de trabalho: o uso do vídeo como dispositivo de análise urbana, mas ainda não havia um objeto de estudo no qual aplicá-lo. E o objeto surgiu durante uma viagem ao Vale do Capão enquanto conversava com amigos e conhecidos moradores do Vale que expressavam seu descontentamento com o aumento populacional e com os conflitos decorrentes desse crescimento, o que supostamente acarretaria, em um futuro provável, em descaracterizar o Capão daquilo que ele era. Mas o que ele era e porque essas mudanças estariam levantando preocupações?

O Vale do Capão, ou Caeté-Açu, como é chamado oficialmente, é um distrito pertencente ao município de Palmeiras, na Chapada Diamantina. Destino turístico internacional por ser porta de entrada para as trilhas do Vale do Pati e da Cachoeira da Fumaça, o Vale do Capão está entre os cinco principais destinos do ecoturismo na Chapada Diamantina. Possui cerca de 1.900 habitantes e cerca de 50 pousadas e campings, o que configura uma grande população flutuante. Nas épocas de alta estação, o número de pessoas no Vale, somados residentes e visitantes, chega a dobrar.

Na segunda metade da década de 1970, após os colapsos sucessivos do garimpo de diamantes e da economia do café na região, o Governo do Estado da Bahia, por meio da Bahiatursa, inicia um projeto para implementação do turismo na Chapada Diamantina. Em 1984, é divulgada a Cachoeira Glass, – batizada inicialmente pelo nome do norte-americano George Glass – hoje conhecida como Cachoeira da Fumaça, trilha famosa pela altura de

sua queda-d’água e fácil acesso, tem seu início no Vale do Capão, fator que ajudou a atrair visibilidade para este povoado. Neste mesmo ano é fundada a comunidade Lothlorien, no Vale do Capão; em 1985 é criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina, ação que divulgou a região em matérias veiculadas em diversos jornais e revistas; em 1988 foi criada a Escola Comunitária Brilho do Cristal; em 1992 é fundada a Comunidade da Campina e nesse mesmo ano o Capão sedia o Encontro de Comunidades Alternativas – ENCA; em 1997 é fundada a terceira comunidade alternativa do Vale do Capão, a Comunidade Rodas do Arco-Íris.

Esses eventos apontam o início de uma série transformações no Vale do Capão a partir do início da década de 1980, até então um pequeno povoado de onde muitas famílias haviam migrado para o sudeste do país após o colapso da economia do café e do garimpo. Naquela época, não havia energia elétrica nem telefone e a única estrada de acesso era precária. Tampouco havia um transporte regular que fizesse esse trajeto. Nesse contexto, o Capão começa a receber novos moradores provenientes dos centros urbanos em busca de uma vida mais saudável. Este fato, aliado à atividade turística, constituiu um imaginário “esotérico alternativo” que atrai os viajantes: mochileiros, artistas, palhaços, malabaristas, músicos e dançarinos, criando uma atmosfera de ludicidade e reforçando esse imaginário.

Primeira aproximação

A experiência no processo de apreensão urbana e o percurso como trajetória de pesquisa são pontos que se pretende incorporar neste trabalho, de forma que não posso deixar de citar aqui minhas próprias memórias e relações de afeto com esse espaço, que se originam muito antes do início desta pesquisa.

A primeira vez que fui ao Vale do Capão foi durante uma viagem pela Chapada Diamantina em que percorri em poucos dias as atrações naturais mais conhecidos da região, incluindo o Capão, onde estive apenas de passagem para conhecer a famosa trilha da Cachoeira da Fumaça e a Vila. Na segunda vez, passei uma temporada na comunidade Lothlorien, onde compartilhei da alimentação natural e das vivências em comunidade; e na terceira, fiz minha primeira trilha longa, a cachoeira do vinte e um – nem de perto a das mais fáceis –, com um grupo de amigos e o guia João Pé no Chão, morador do Capão até hoje.

Na volta da trilha, tive minha mochila roubada no camping, junto com todos os meus pertences, inclusive minha passagem de volta para Salvador. Lili, o dono do camping, foi incrivelmente atencioso e prestativo e junto a um grupo de desconhecidos, se empenharam na busca da mochila, ajudando a espalhar pelos quatro cantos a notícia. Todos se mostraram muito preocupados e solidários e afirmaram que era muito raro ocorrer um roubo no Vale, por isso se preocupavam em pegar o tal ladrão, que com certeza seria alguém de fora. No final, não recuperei meus pertences, mas o que poderia ter se tornado uma experiência negativa se converteu em uma experiência de união e cumplicidade, e de quase todas as

vezes que retornei fiquei hospedada sempre nesse mesmo camping.

Eu passei a frequentar o Vale do Capão em 2003, e, assim como muitos outros soteropolitanos da minha geração, ia de duas a três vezes por ano, onde reencontrava o mesmo grupo de amigos e conhecidos, a maioria de Salvador. Representava um espaço de encontro com a natureza e de liberdade. O Capão era um símbolo da vida alternativa, por onde passavam muitos viajantes do mundo todo, hippies, músicos, malabaristas e artistas de uma forma geral.

Depois de passar quatro anos sem ir ao Capão, retornei no início de 2014 – quando iniciava este trabalho de TFG – e me surpreendi ao ver o quanto havia mudado. Havia inúmeras construções em andamento, além de vários novos empreendimentos: uma academia de ginástica, duas agências imobiliárias, mercados, restaurantes, pousadas e três lojas de material de construção. De todas as novidades, a academia de ginástica foi o que mais me surpreendeu. De arquitetura hermética, suas quatro paredes perpendiculares formam um cubo fechado de dois andares com algumas janelas e uma porta grande de vidro que lembra uma vitrine voltada para a rua. Essa edificação nos remete a uma arquitetura urbana, mas, completamente sozinha em seu entorno – onde há apenas árvores, mato e montanhas – parece deslocada de um outro lugar.

Nos dois meses em que estive no Capão no início desta pesquisa, presenciei o dia da inauguração da torre de telefonia móvel da empresa Tim, o que foi uma grande novidade. Por todos os lados era possível ver pessoas telefonando para testar o sinal de seus aparelhos; vários adolescentes entravam na Lan House da Vila desejando comprar um chip; e ao mes-

mo tempo algumas outras pessoas reclamavam dessa novidade, alegando que perderiam o sossego de permanecer incomunicáveis.

Nas primeiras conversas com os moradores, o que notei em um primeiro momento foi um apego ao passado e um sentimento preservacionista contrário à modernização e à presente transformação do Capão de povoado em cidade. De um outro lado, tive contato com muitos visitantes encantados e ávidos por morar naquele local, assim como alguns moradores recentes que estavam construindo suas casas ou procurando terreno para compra. Foi exposta também a iminente demanda por um Plano Diretor para o município de Palmeiras, iniciativa de três funcionários da prefeitura junto a um grupo de voluntários - a maioria deles moradores de Caeté Açu – que realizaram reuniões em todos os povoados do município para estabelecer as diretrizes que o plano deveria contemplar. Contudo, iniciado pela antiga gestão municipal, com o Prefeito Marcos Venícius Santos Teles, do partido PL, foi engavetado por falta de recursos e disputas políticas.

A partir dessa aproximação, voltei para o Capão com uma câmera de filmagem e gravadores portáteis e sem um roteiro de filmagem, já que não pretendia criar limitações e julgamentos prévios e sim permitir que surgissem questionamentos novos, impensados. Mas me baseei em um dispositivo que me guiasse durante o processo de experimentação: a viagem em si. Faria portanto um roteiro de viagem, saindo do Vale do Pati em direção à Vila do Vale do Capão – de dentro para fora do Vale; de dentro para fora do Parque – , solicitando hospedagem por um dia e uma noite a conhecidos e/ou desconhecidos ao longo da estrada que liga o bairro do Bomba à Vila, os quais se tornariam meus interlocutores. Assim,

8. A Prefeitura do Vale do Pati é uma hospedaria para visitantes. Segundo os moradores do Vale do Pati, antigamente funcionava como uma escola e recebe esse nome porque a construção pertence à Prefeitura de Andaraí.

intencionava me colocar nessa experiência em uma posição muito clara, a de viajante e de turista, registrando a minha viagem.

A experiência foi realizada em janeiro de 2015, período de alta estação. O Capão estava cheio e a estratégia de pedir hospedagem logo se tornou improdutiva, além de desconfortável. No entanto, foram registradas conversas com 11 moradores e me hospedei em três diferentes pontos, sendo só o primeiro deles uma hospedaria de fato: na Prefeitura ⁸ do Vale do Pati e nas casas de duas das interlocutoras, uma no bairro de São João e outra na Vila.

O Vale do Capão

O vilarejo de Caeté-Açu, é um distrito do município de Palmeiras, localizado na região da Chapada Diamantina, a 450 quilômetros da capital do estado da Bahia, Salvador. Por meio de uma estrada de terra de aproximadamente 23 quilômetros a partir de Palmeiras, tem-se acesso ao Vale do Capão, que está a mil metros acima do nível do mar e faz limite com o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD), sendo cercado por trilhas e cachoeiras.

Além da estrada de terra, muitos viajantes têm acesso ao Vale do Capão por meio de trilhas que cruzam o Parque, passando por cachoeiras e outras belezas naturais. Uma delas é a trilha da Cachoeira da Fumaça por baixo¹, que pode ser feita a partir da cidade de Lençóis, passando por várias cachoeiras pelo caminho, a depender do percurso escolhido, e chegando ao Vale do Capão. A travessia do Vale do Pati, uma das trilhas mais conhecidas entre mochileiros do mundo todo, localizada na área de preservação do Parque Nacional, também pode ser acessada a partir do Vale do Capão.

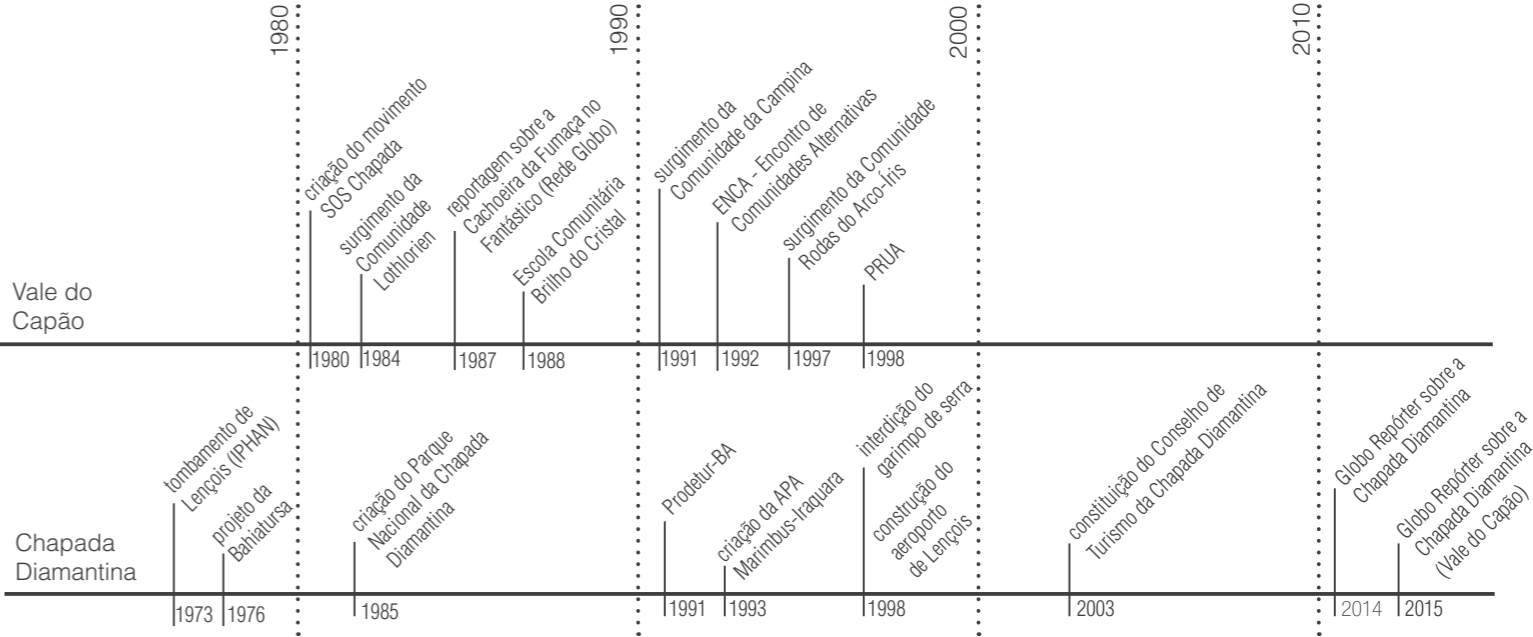
O desenvolvimento do turismo na região da Chapada Diamantina inicia-se na década de 1960, em Lençóis, com a criação do Conselho Municipal de Turismo, na intenção de buscar uma alternativa para reerguer a economia da região após os sucessivos colapsos dos ciclos

1 . A Cachoeira da Fumaça tem uma queda-d'água de 340 metros, a segunda maior do Brasil. Ela pode ser acessada por dois percursos diferentes: o primeiro é o mais frequentado por ser mais fácil, subindo a serra a partir do Vale do Capão por uma trilha de duas horas de duração e alcançando a cachoeira pela sua parte de cima; o segundo, pela parte de baixo, é feito por uma trilha de cerca de dois dias a partir do Capão ou de Lençóis, acampando próximo a seu poço.

econômicos anteriores: principalmente a exploração do diamante e das fazendas de café. Em 1973, o SPHAN (atual IPHAN, Instituto do Patrimônio histórico e Artístico Nacional) efetiva o tombamento de Lençóis como Cidade Monumento Histórico Nacional; e, em 1976, a Bahiatursa, empresa de turismo do Governo do Estado da Bahia, implementa o projeto “Caminhos da Bahia”, promovendo o turismo no interior do estado, segundo BRITO (2005), “apoiado por uma forte estratégia de marketing junto aos integrantes do negócio turístico”. Ainda na década de 1970, a construções de rodovias federais trouxe mudanças regionais significativas.

A partir dessas iniciativas, o ecoturismo se desenvolve na região, principalmente nos municípios de Lençóis, Andaraí e Mucugê e nos povoados de Igatu e Vale do Capão, dando vazão a um tipo de turismo voltado para roteiros de aventura, valorizando o contato com a natureza. Nesse contexto, a Chapada Diamantina tornou-se também espaço de visitação e moradia de pessoas egressas de grandes cidades, sendo resignificado como local de vida e produtos saudáveis.

“Vale dizer que além desse fluxo de visitantes, Lençóis já recebia a visita de estudantes universitários, pesquisadores, (...), técnicos do governo do estado, ‘aventureiros’ e de pessoas que buscando uma melhor qualidade de vida, deixavam pra trás a rotina estressante vivenciada nos grandes centros urbanos e passavam a residir, sobretudo, em Lençóis e no Vale do Capão, distrito de Palmeiras.



Algumas dessas pessoas provocavam um estranhamento na cidade ao trazerem comportamentos considerados bastante liberais para uma sociedade profundamente conservadora, como o fato de pessoas do mesmo sexo beijarem-se em público e fumarem maconha.” (BRITO, 2005, p. 128)

A Cachoeira da Fumaça teve ampla divulgação na década de 1980, quando foi batizada como Cachoeira Glass, recebendo o nome do piloto norte-americano George Glass, que foi quem a divulgou pela primeira vez. Em 1985, é criado o Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) pelo decreto federal nº 91.655, de 17 de setembro de 1985, sendo divulgado amplamente em matérias veiculadas em diversos jornais e revistas.

O Vale do Capão passa a receber novos moradores, alguns organizando-se em comunidades, como é o caso de Lothorien, fundada em 1984; da Comunidade da Campina, em 1991; e da Comunidade Rodas do Arco-Íris, em 1997. Miklos Burger, proveniente de São Paulo e um dos cofundadores, relata suas memórias desse momento em seu livro “O Buscador”, no qual dedica um dos capítulos à história de Lothlorien:

“Na época não existia eletricidade no Capão, nem água encanada, nem telefone, Correio, gás, farmácia ou atendimento médico. Existia uma natureza exuberante, um vale cercado de montanhas por todos os lados. O povo era muito simples, plantava café e banana. As casas eram bem rústicas, de adobe. Muitos homens do Capão haviam se mudado para São Paulo para ganhar a vida, porque no Capão não havia condição. E enviavam dinheiro para suas famílias (...)

Uma vez por semana, Áureo fazia o atendimento médico gratuito à população local. Havia uma casinha na Comunidade para esse fim. As pessoas eram atendidas em ordem de chegada e, embora fosse gratuito, todo mundo fazia questão de trazer alguma coisa da roça, como pagamento. O povo do Capão tinha uma pureza que era uma coisa muito bonita. (...)

Já éramos conservadores demais para outros jovens que foram chegando ao Capão. Alguns deles se reuniram e criaram uma comunidade num lugar muito mais afastado. Queriam viver integrados com a natureza com simplicidade e liberdade. Acho que essa comunidade ainda existe e chama-se Campina. Mais tarde surgiu uma terceira comunidade chamada Rodas, que tendia a agrupar músicos. Creio que essa durou alguns anos e terminou.

Os grupos que recebíamos, nos feriados prolongados, começaram a crescer. (...) Em Lothlorien, nós construíamos sem parar. Não sei como conseguíamos, mas foi assim que chegamos a ter mais de 60 pessoas dormindo na comunidade, claro que algumas delas acampadas. Os momentos em que mais vinham pessoas eram fim de ano e Carnaval.” (BURGER, 2011, p. 105)



Fotografia da Vila do Capão, na década de 1990.
Autor desconhecido.

2. O Prodetur é um projeto desenvolvido pelo Governo do Estado da Bahia que divide o estado em sete zonas de expansão do turismo, sendo seis delas situadas no litoral baiano e a Chapada Diamantina no centro do território, caracterizada como uma região vocacionada para o desenvolvimento do ecoturismo (BRITO, 2005)

3. Segundo a contagem de visitantes realizada pela Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC) feitas entre 2003 e 2013.

Em 1987, uma reportagem sobre a Cachoeira da Fumaça é apresentada no Fantástico, programa da Rede Globo; em 1988, a TV Bahia faz uma reportagem com a comunidade Lothlorien. Nesse mesmo ano, algumas famílias que se mudaram para o Capão criam a escola Comunitária Brilho do Cristal; e em 1992 o Capão recebe o ENCA – Encontro de Comunidades Alternativas – organizado conjuntamente pelas Comunidades Lothlorien e Campina.

O Vale do Capão passa a experimentar um processo de transformação com a chegada de pessoas que foram morar em comunidades e que introduziram na região o esoterismo, a agricultura alternativa e a medicina natural. Posteriormente, esses novos moradores possibilitam a chegada do turismo, aprofundando as transformações com a implantação de hotéis, pousadas, campings, casas de veraneio e atividades de vivência e busca espiritual.

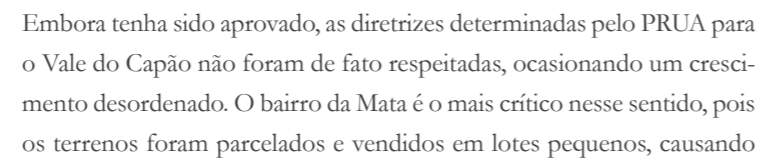
O turismo sofreu uma intensificação a partir do ano 2000, possivelmente impulsionado pelo Projeto de Desenvolvimento do Turismo criado pelo Governo do Estado da Bahia na década de 1990 (Prodetur-BA) ², cuja segunda etapa foi implantada a partir de 2002 (Prodetur-NE II). Atualmente, a Cachoeira da Fumaça recebe cerca de 16 mil visitantes por ano ³, atraindo muitos turistas para o Vale do Capão.

No âmbito do Prodetur, em 1993 foi criada a Área de Proteção Ambiental (APA) Marimbus-Iraquara; e em 1998 foi construído o aeroporto de Lençóis, no distrito Coronel Octaviano Alves, em Tanquinho. Vale ressaltar que, apesar de basear-se no turismo ecológico e sustentável como estratégia de marketing, pouquíssimos recursos são de fato destinados à

preservação ambiental. Esse fato pôde ser observado neste mês de novembro de 2015, no descaso do Governo do Estado frente aos incêndios que devastaram a Chapada Diamantina. Todos os anos, no período de seca, os incêndios se repetem e são combatidos pelas brigadas de incêndio voluntárias organizados pelas Associações locais, funcionando exclusivamente de doações também voluntárias, havendo pouquíssimo ou nenhum investimento público em compra e manutenção de equipamentos ou treinamentos adequados para os brigadistas.



“Baixíssimos percentuais de recursos são destinados ao plano de manejo das APAs (...). No âmbito dos investimentos governamentais, as ações previstas na área de recuperação urbanística e do patrimônio histórico e na preservação ambiental também foram muito pouco implementadas. O Governo do Estado e o Prodetur, ao colocarem estas ações em plano secundário, priorizando o investimento em infraestrutura, ensejaram o surgimento de problemas de ordem ambiental. Assim deixou-se de evitar a visitação intensa, acima da capacidade de carga de determinados atrativos; não foi realizada a recuperação urbanística pela impossibilidade de implementação dos Planos de Referência Urbanística (PRUA), cuja tarefa diz respeito ao disciplinamento da ocupação, à determinação das áreas de expansão dos municípios e à utilização mais adequada dos atrativos turísticos (...). Tais problemas têm afetado a própria sustentabilidade do turismo na região.” (BRITO, 2005).

O Parque Nacional da Chapada Diamantina (PNCD) é uma Unidade de Conservação (UC) de proteção integral e seu entorno imediato é considerado como Zona de Amortecimento



Segundo dados levantados pela Unidade Básica de Saúde local, a população do Vale do Capão teve um crescimento de 1.581 habitantes em 2005 para 1.899 habitantes em 2014. Alguns dados levantados pelo projeto Sustentabilidade em Ação (RODRIGUES, 2014) demonstram um maior crescimento populacional a partir do ano 2000 e revelam que a maior parte dos habitantes do Capão se originam de outras cidades, do Brasil ou do exterior:

Dos entrevistados não nativos, 19,3% moram no Capão há um ano ou menos, seguido de 18,5% que estão no Capão entre dois e quatro anos e 13,1% entre quatro e seis anos. Além dos moradores mais recentes, o percentual daqueles que moram entre 12 e 15 anos é de 10,2%, seguido de 12% dos

 Limite do Parque Nacional
 Limite da Zona de Amortecimento

4. Dados obtidos em pesquisa de campo em junho de 2014. A média de número de pessoas hospedadas em campings foi baseada na informação dada pelos donos ou funcionários desses campings sobre a quantidade média de barracas na alta estação e considerando o valor médio de duas pessoas por barraca;

Tabela 1: Cadastro das pousadas e campings do Vale do Capão. em 2003 Fonte: BRITO, 2005

| Empreendimento | U.H. | Leitos |
|------------------------------|------|--------|
| Pousada Tatu Feliz | 6 | 18 |
| Pousada Candombá | 9 | 28 |
| Pousada Lendas do Capão | 16 | 44 |
| Pousada Sempre Viva | 9 | 27 |
| Pousada Verde | 10 | 22 |
| Pousada do Capão | 12 | 24 |
| Pousada Vale do Capão | 14 | 30 |
| Lendas do Calixto | 5 | 12 |
| Pousada Cantagalo | 6 | 16 |
| Pousada Riacho do Ouro | 6 | 15 |
| Pousada Lagoa das Cores | 12 | 42 |
| Pousada Solar das Mangueiras | 6 | 15 |
| TOTAL: | 111 | 293 |

que moram há 16 anos ou mais. Estes percentuais indicam que embora haja uma quantidade significativa de moradores que chegaram entre a década de 1980 e o ano 2000 (22,2%), a corrente migratória se intensificou bastante nos últimos 11 anos (73,1%)” (RODRIGUES, 2014)

Quanto ao aumento do numero de pousadas, foi realizado um levantamento neste trabalho (Tabela 2), o qual foi comparado a um outro levantamento de 2003 (Tabela 1), realizado por BRITO (2005). O número total de leitos em hotéis e pousadas subiu de 293 no ano de 2003 para 990 em 2014. Somado esse valor a uma média de 862 pessoas que se hospedam em campings⁴, e considerando que muitos visitantes alugam casas ou se hospedam em casas de amigos e familiares, pode-se concluir que a quantidade de pessoas no Vale do Capão nas épocas de alta temporada chega a dobrar. Pode-se observar no Mapa 2 que as pousadas, hotéis e campings se distribuem ao longo do Vale, não se restringindo a Vila.

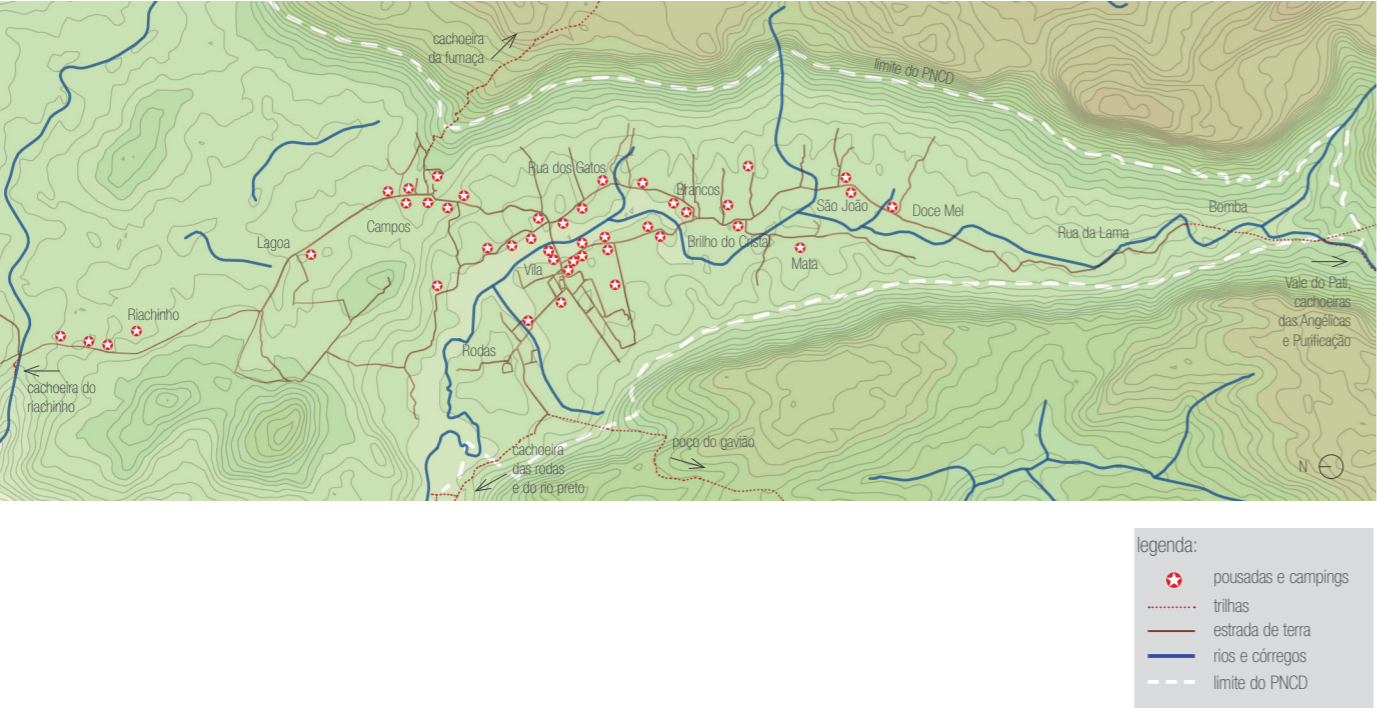
Os meses de alta estação, quando há maior fluxo turístico, são dezembro, janeiro, fevereiro, junho e julho, além de abril, durante o feriado da Semana Santa. Os meses de março, maio, a segunda metade de abril, e de agosto a novembro (período de seca) costumam ser mais vazios, com excessão dos feriados e fins de semana. O São João, em junho, e o dia de São Sebastião (20 de janeiro), o padroeiro do Capão, são tradicionalmente festejados e recebem muitos visitantes. A cada ano, durante os festejos de São Sebastião, os moradores do Capão elegem os “festeiros” do próximo ano. Os festeiros são os responsáveis por organizar as festas realizadas no Capão durante aquele ano em que foram escolhidos, além de outras tarefas.

Tabela 2: Números de UHs e leitos dos hotéis, pousadas e campings do Vale do Capão em 2014.

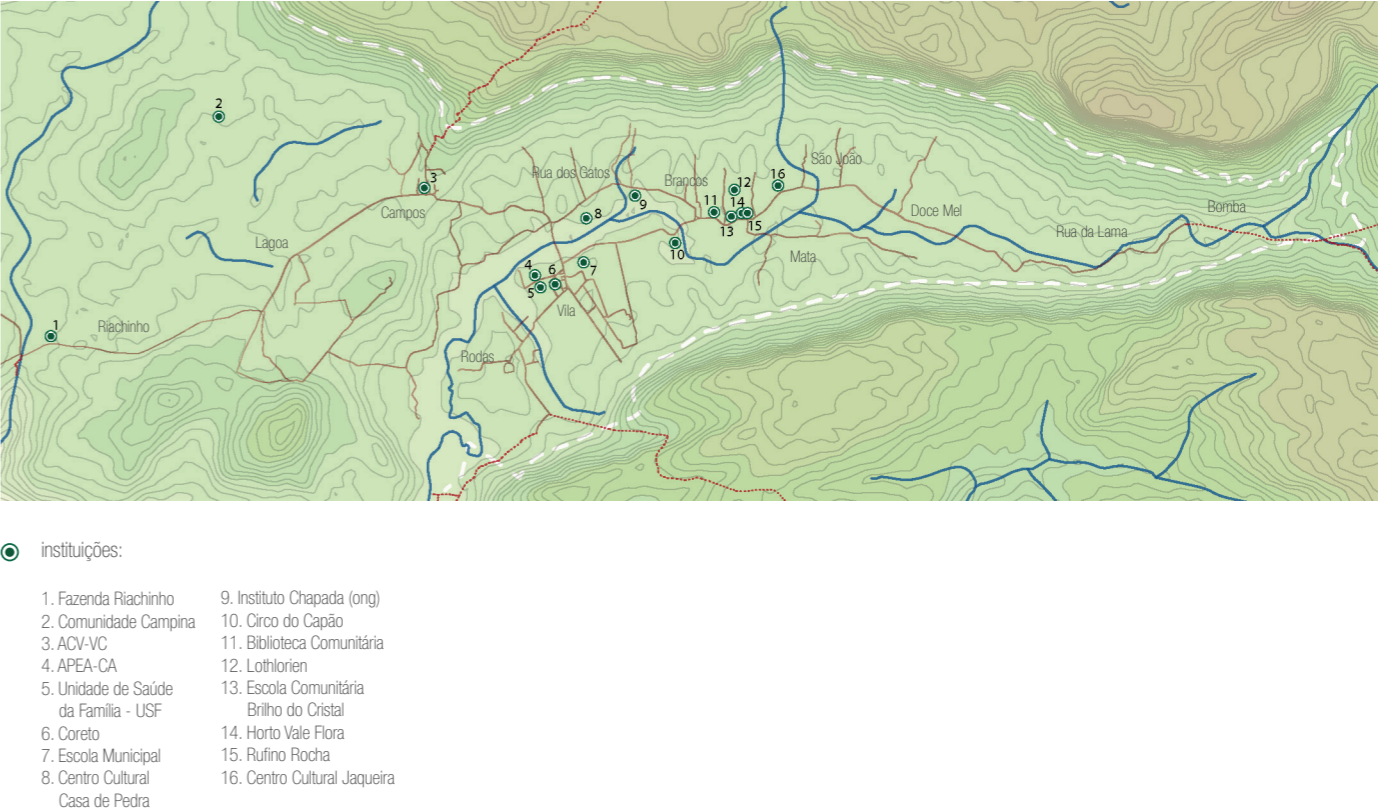
| Hospedaria | ano de inauguração | U.H. | leitos | nº pessoas em camping |
|-----------------------------|--------------------|------|--------|-----------------------|
| Pousada Vila Candombá | 1985 | 10 | 23 | |
| PousadaTatu Feliz | 1989 | 5 | 17 | - |
| Lothlorien | 1990 | 11 | 25 | - |
| Pousada do Gordo | 1995 | 9 | 25 | - |
| Camping Horizonte | 1995 | 6 | 15 | 60 |
| Camping de Seu Dai | 1997 | 20 | 40 | 160 |
| Pousada Lendas do Capão | 1997 | 17 | 41 | - |
| Pousada Sempre Viva | 2000 | 15 | 35 | 60 |
| Camping e Pousada Arco-Iris | 2000 | 10 | 30 | - |
| Pousada Canta Galo | 2000 | 4 | 14 | - |
| Pousada do Capão | 2000 | 18 | 72 | - |
| Espaço Castelar Alvorada | 2000 | 15 | 40 | |
| Pousada Casa da Trilha | 2001 | 8 | 23 | 12 |
| Pousada Pé do Morro | 2002 | 9 | 25 | 20 |
| Chalés Canto da Cachoeira | 2003 | 3 | 10 | - |
| Pousada Nós na Trilha | 2003 | 6 | 20 | - |
| Pousada Pé no Mato | 2003 | 13 | 40 | - |
| Chalés Terracota | 2003 | 6 | 24 | - |
| Pousada Calixto | 2004 | 8 | 20 | - |
| Pousada e Camping Gorgulho | 2005 | 6 | 20 | 400 |
| Pousada Lakshmi | 2005 | 7 | 22 | 100 |
| Pousada Pássaro da Manhã | 2005 | 5 | 14 | - |

| Hospedaria | ano de inauguração | U.H. | leitos | nº pessoas em camping |
|----------------------------------|--------------------|------|--------|-----------------------|
| Pousada Villa Lagoa das Cores | 2005 | 12 | 36 | - |
| Casa de Pedra | 2007 | 6 | 16 | - |
| Casas Maria Flor | 2007 | 4 | 21 | - |
| Albergue do Katatau | 2007 | 13 | 26 | - |
| Pousada Terras do Poente | 2007 | 6 | 24 | - |
| Pousada Salão de Areia | 2008 | 6 | 24 | - |
| Aurora do Vale Camping Ecológico | 2010 | 2 | 9 | 40 |
| Pousada Lírio do Vale | 2010 | 4 | 12 | - |
| Vila Buena Hospedaria | 2010 | 4 | 24 | - |
| Chalés Bela Vista do Capão | 2011 | 7 | 32 | - |
| Pousada Ilha de Mato | 2011 | 5 | 20 | - |
| Hospedagem Recanto dos Pássaros | 2011 | 6 | 20 | 20 |
| Pousada Mirante Café | 2012 | 6 | 25 | - |
| Pousada Aconchego | 2013 | 11 | 28 | - |
| Hospedaria Savi Café | 2013 | 4 | 10 | - |
| Pousada Vila Esperança | 2013 | 6 | 18 | - |
| Camping Ganesha | 2014 | - | - | 30 |
| Guarapira Vale do Capão Camping | 2014 | 1 | 2 | 20 |
| Pousada Paromim | 2015 | 11 | 28 | |
| Pousada Casa Amarela | - | - | 30 | - |
| | TOTAL: | | 990 | 862 |

Mapa 1: Localização das pousadas, campings e trilhas no Vale do Capão, em 2014



Mapa 2: Localização das instituições no Vale do Capão, em 2014



Nos períodos de alta temporada são recorrentes os problemas de falta de água; a coleta de lixo realizada pelo município de Palmeiras três vezes na semana não é suficiente e alguns pontos ficam durante semanas sem recolhimento; a quantidade de carros que chega ao Capão é muito grande, levantando poeira nas estradas compartilhadas com pedestres e ciclistas, causando desconforto e até mesmo problemas respiratórios em alguns moradores; há muitas queixas também com relação ao excesso de uso de drogas ilícitas nos espaços públicos.

Durante o início dessa pesquisa, me instalei por dois meses no Vale do Capão, quando pude vivenciar o Capão vazio – em maio de 2014 – e cheio – em junho de 2014. Nesse período, conversei com vários moradores e visitantes, ficando claro que havia uma tensão relacionada ao aumento do fluxo de visitantes e à chegada de um grande número de novos habitantes.

Mas se por um lado eu ouvi diversas queixas dos moradores com relação aos problemas decorrentes do crescimento e ao excesso de turistas, por outro lado encontrei muitos visitantes encantados com o Vale do Capão e afirmando que desejavam morar naquele local. No ônibus de ida de Salvador para Palmeiras, conheci uma mulher que estava se mudando e teve alguns contratempos no momento de embarcar o seu cachorro; durante a minha estadia encontrei algumas pessoas que estavam buscando terreno para compra e muitas outras que moravam há pouco tempo. Também é verdade que uma parte desses novos moradores que encontrei levam uma vida nômade e não necessariamente pretendiam fixar residência permanente naquele lugar.

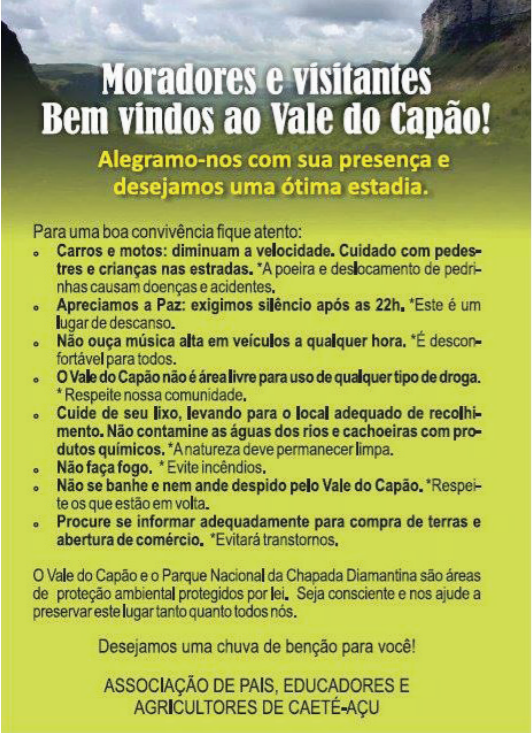


Nas reclamações sobre o crescimento desordenado havia uma certa unidade nos temas abordados, e todos pontuavam mais ou menos os mesmos problemas, mesmo que trazendo opiniões diferentes: a gestão da água; a estrada de terra interna que corta o Vale, a estrada Palmeiras – Capão e a possibilidade de asfaltá-las ou de construir um outro tipo de calçamento; o estabelecimento ou não de um posto policial; e a coleta seletiva de lixo. Em geral, há um sentimento de valorização ambiental presente na maior parte da população, que se traduz no desejo pela adoção de práticas de saneamento sustentáveis e acessíveis.

Após algumas conversas, observei que a unicidade entre os discursos estava relacionada ao engajamento dos moradores nas questões do Capão e da participação de boa parte deles nas reuniões da Associação de País, Educadores e Agricultores de Caeté-Açu (APEA-CA). Durante as reuniões, todos esses temas são debatidos constantemente, na busca por uma solução consensual. No entanto, há muitos conflitos internos, sendo difícil se chegar a decisões e encaminhamentos concretos.

No Capão não há qualquer empresa responsável pela distribuição de água. Todo o fornecimento é proveniente de fontes naturais – rios, nascentes, poços e captação de água da

acima. vista do Vale do Capão a partir de Serra próxima a Lothlorien. O Bomba se encontra no final do Vale, na direção esquerda da foto; e a Vila está na lado direito, ao fundo. Foto do autor.



acima. Panfleto distribuído aos moradores e visitantes pela Associação APEA-CA, em junho de 2014.

chuva – e não recebe tratamento. O poder público participa deste sistema por meio do fornecimento esporádico de tubulações e pela manutenção de dois poços artesanais que abastecem parte da população (9,62%). Os encaamentos são mantidos pelos próprios moradores. Por estarem enterrados superficialmente nas principais vias de terra, é muito comum que os canos se rompam e aconteçam vazamentos.

Inúmeras reuniões foram realizadas para se discutir a gestão da água e a possibilidade desta ser controlada pela Empresa Baiana de Águas e Saneamento (Embasa). No entanto, há um embate no que se refere ao tratamento da água, pois muitos moradores discordam do uso do cloro e do flúor. Outros discordam de ter que pagar água, já que este sempre foi um benefício gratuito. Soluções alternativas foram debatidas, mas até a conclusão deste trabalho não se chegou a um consenso.

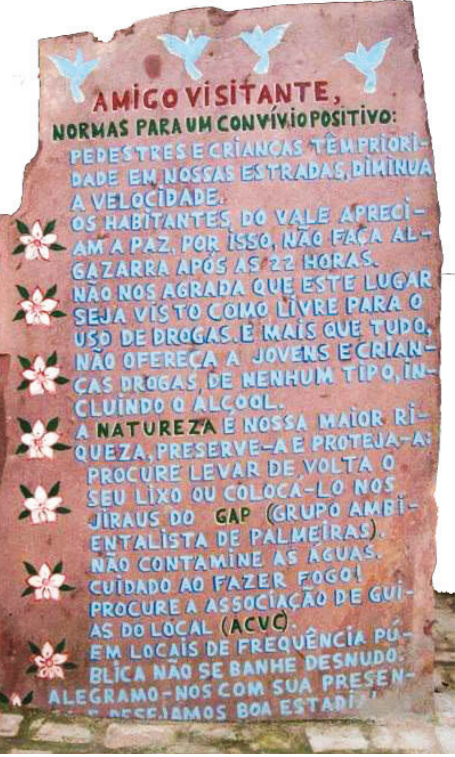
De acordo com o diagnóstico socioambiental levantado pelo projeto Sustentabilidade em Ação, 38,9% da população declara sofrer com a falta de água. Nos anos de 2012 e 2013, o problema se agravou por causa da seca vivida nesses dois anos, quando muitas fontes secaram deixando algumas casas sem abastecimento. Nesse momento, muitos moradores cavaram poços artesanais particulares, ou compartilhados com vizinhos, sem nenhum controle por parte do órgão ambiental responsável, nesse caso o Instituto de Meio Ambiente e Recursos Hídricos da Bahia (Inema).

“O problema no que se refere à distribuição está relacionado à falta de controle e fiscalização da quantidade de água que é captada, para onde a mesma é destinada e à conduta para aderir novas tubulações secundárias. O que acontece geralmente é que muitos dos novos proprietários, que nem ao menos procuram saber se há outra forma de abastecimento mais sustentável, aderem ao costume errôneo de adicionar um “T” na rede geral e dividir, ou piorar, o problema.” (MORAES, apud RODRIGUES, 2014, p 21)

As dezenas de nascentes localizadas no Vale do Capão têm grande importância na bacia hidrográfica do rio Paraguassu. Atualmente, a maioria das residências faz uso de fossas rudimentares (fossas negras), sendo significativo o risco de ocorrer contaminação dos solos e, posteriormente, do lençol freático, interferindo no equilíbrio ambiental. (MORAES, 2012, apud RODRIGUES, 2014, p. 21). Atualmente está em andamento o Projeto Sustentabilidade em Ação, que realizou um diagnóstico na região e discute, junto à Associação APEA-CA, alternativas sustentáveis para o saneamento básico no Vale do Capão.

Outra questão debatida pelos moradores é em relação à instalação de um posto policial. Quando há um problema, a polícia de Palmeiras é chamada, mas esta muitas vezes exige que o solicitante pague pela gasolina para o deslocamento, e em outras não comparecem, usando como justificativa a falta de policiais e recursos na sede do município. Durante as festas, geralmente há um carro da polícia na Vila do Capão.

abaixo. placa de pedra localizada na Vila do Capão com as “normas para um convívio positivo”



Nem todos concordam com a instalação de um posto policial na Vila. Muitos argumentam fazer uso de maconha e plantá-la para uso próprio, e por isso temem perder essa liberdade. Outros receiam que policiais corruptos aumentem o tráfico de drogas pesadas, como a cocaína.

Quanto à coleta de lixo, esta é feita semanalmente – três vezes na semana. Nas épocas festivas, a coleta é realizada diariamente, mas ainda assim o caminhão da prefeitura não consegue levar tudo e alguns pontos acumulam lixo por dias. Há uma dificuldade com relação à quantidade de resíduos gerados, uma vez que a quantidade de lixo no Capão nesses períodos acaba sendo maior que a da sede do município e dos povoados do entorno juntos.

Muitos ainda acreditam que todo o lixo gerado no Capão é separado e o reciclável coletado pelo GAP – Grupo Ambientalista de Palmeiras – enquanto do lixo orgânico é feita compostagem nos quintais de cada um. Mas na realidade atual poucos fazem isso. Boa parte do lixo é misturada e enviada para um lixão a céu aberto em Palmeiras. Alguns moradores levam seu lixo reciclável para alguns pontos específicos onde são coletados pelo GAP.

Com relação à estrada que liga Palmeiras ao Capão, discute-se a possibilidade de asfaltá-la, de forma a melhorar o percurso para os moradores, principalmente em momentos críticos, como, por exemplo, quando se precisa chegar com urgência ao hospital mais próximo, no município de Seabra. Mas muitos argumentam que o asfalto facilitaria o acesso à região, atraindo ainda mais turistas para o local, o que não seria desejável, uma vez que aumentaria ainda mais a deficiência em infraestrutura. Outros defendem que seja feito um calçamento

com paralelepípedos como uma alternativa mais sustentável.

Na intenção de ordenar o desenvolvimento urbano, preservando os recursos naturais e a paisagem da região, em 2011 a Prefeitura de Palmeiras, por meio da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Sustentável, deu início ao Plano Diretor Participativo. Com poucos recursos para contratar uma equipe, três membros da prefeitura, dentre eles o Secretário Carlos Formiga, reuniram um grupo de voluntários, a maioria do Vale do Capão.

“Então a gente tinha uma equipe, uma coordenação. E nessa coordenação tinha um monte de gente, e essas pessoas não participavam só da reunião da região delas, elas iam também nos outros povoados.

E o Capão foi o que deu mais gente se voluntariando: no Capão tinha biólogo, tinha geógrafo....

Então quando a gente ia lá pro Corcovado, que é uma comunidade quilombola, aí a gente levou várias pessoas, moradores, pra ver a realidade. Porque a realidade do Corcovado não é a realidade do Capão. O Capão, o modo de vida e algumas coisas que as pessoas fazem aqui é de cidade grande” (Carlos Formiga, em conversa realizada em Maio de 2014)

Criada a equipe, foi feita uma capacitação e em seguida foram realizadas reuniões em todos os povoados. No Capão, por ser o mais populoso dentre os distritos do município, foram realizadas reuniões em diversos bairros, de forma a contemplar um maior número de ha-

bitantes. Segundo Carlos Formiga, morador do Capão e ex-secretário do Desenvolvimento Econômico e Sustentável de Palmeiras, estas reuniões foram amplamente divulgadas, contando com uma participação efetiva da população, além de registradas em ata, fotografia e vídeo.

Todos as informações levantadas nesse processo foram sistematizadas em um relatório e em mapas de todos os distritos do município, estando mais da metade do Plano Diretor concluído. Segundo Formiga, a gestão atual da prefeitura não possui recursos para dar andamento às etapas que faltam para a conclusão do plano diretor.

As Imagens do Capão

Apesar de todos as dificuldades de infraestrutura enfrentadas pelos moradores e dos embates citados anteriormente, as imagens do Vale do Capão divulgadas pela indústria do turismo são destituídas de conflitos, exibindo frequentemente as belezas naturais e um imaginário de paz e harmonia em comunhão a natureza.

No último ano, a TV Globo dedicou dois episódios do programa Globo Repórter à Chapada Diamantina – em parceria com a TV Bahia, afiliada da emissora no estado. A edição veiculada em outubro de 2014 mostra a imagem do Capão de paisagens espetaculares, com vistas aéreas das montanhas e cachoeiras. O apresentador, em seus comentários em voz off – a voz autoritária da verdade ou voz de Deus – anuncia que “a magia desse lugar atrai quem gosta da natureza, de paz e sossego”.

O documentário “Pra Lá do Mundo”⁶, lançado em 2012, mescla imagens idílicas das montanhas e cachoeiras com entrevistas a personalidades populares do Vale do Capão. O filme é introduzido por uma voz off que diz que “no início dos anos oitenta, pessoas de diversas partes do mundo foram atraídas para um vale escondido na região da Chapada Diamantina” e é seguido por depoimentos de moradores contando como mudaram de vida quando decidiram se mudar para o Capão; e o que faziam antes, na cidade.

Esse documentário institui uma aura de magia e encantamento em torno do Capão, reafirmando o imaginário místico e alternativo. Como todo documentário, ele recria uma

6. Pra Lá do Mundo é um documentário brasileiro, lançado em 2012, dirigido por Roberto Studart e produzido por Silvia Abreu e Roberto Studart.



7. Daytripper (imagem acima) é um livro em quadrinhos de autoria dos gêmeos brasileiros Fábio moon e Gabriel Bá. Em 2011, a obra ganhou o Eisner Award, importante prêmio da categoria;

8. Salomão Zalcbargas é um artista plástico nascido em São Paulo e estabelecido na Bahia desde 1960. Zalcbargas já morou no Capão e possui uma residência neste local, onde possui diversas pinturas murais espalhadas pelo Vale;.

9. projeto de autoria da Sotero Arquitetos, escritório de arquitetura sediado em Salvador-BA . Disponíveis em:<<https://arcooweb.com.br/projetodesign/arquitetura/sotero-arquitetos-casa-bomba-palmeiras-ba>> acesso em 19/11/2015

realidade e a reinventa, mas não deixa de mostrar uma faceta do próprio lugar. Os depoimentos de alguns moradores, que nasceram e já moravam no Capão durante essa primeira onda migratória na década de 1980, também são ouvidos:

“A gente achou estranho, né? Como é que vinham pessoas da cidade morar num lugar igual ao Capão que não tinha estrutura nenhuma, não tinha água encanada, não tinha energia, não tinha nada? A gente ficou assim bem chocado quando vieram mesmo as primeiras pessoas pra cá. Mas depois foi chegando, chegando, a gente foi acostumando” (Palito).

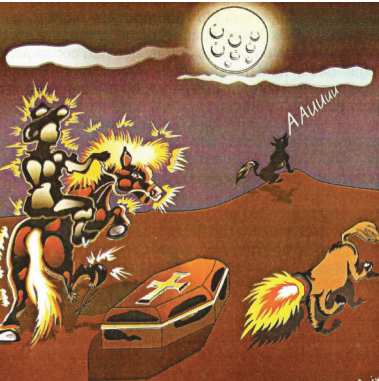
Em 2015, o filme “Abaixo a Gravidade”, ficção dirigida pelo cineasta Edgard Navarro, teve algumas cenas rodadas no Capão. Em 2011, o livro em quadrinhos “Daytripper”⁷ figura a Chapada Diamantina em uma das viagens dos dois personagens. Em setembro de 2014, a exposição “Doces Memórias do Vale do Capão” do artista plástico Salomão Zalcbargas⁸ foi sediada no Palacete das Artes, em Salvador. Ainda em 2014, diversos sites de arquitetura noticiaram a premiada Casa do Bomba⁹, no Vale do Capão, um projeto sofisticado, composto por três volumes de concreto suspensos do solo, que servirá como segunda residência para uma família de soteropolitanos.

O Vale do Capão virou um símbolo da tendência atual por um estilo de vida saudável e natural. Estão em pauta, hoje em dia, temas como a alimentação saudável, o consumo de vegetais orgânicos, a prática de yoga e meditação, o parto humanizado etc. E não por acaso o Capão, como símbolo desse movimento, tem sido mais divulgado e visitado do que nunca antes.

Uma imagem bem diferente das anteriores é construída no livro Fatos Criados e Contados do Vale do Capão, da autoria de Romilton Santos, ou Nem, como é conhecido. Jardineiro, contador de histórias e morador do Vale do Capão, Nem narra histórias contadas e vivenciadas por moradores do Capão, com os quais conversou, reunindo-as nesse livro, em formato de revista, que é vendido localmente nos mercados do Capão.

Realidade e fantasia se misturam nos casos contatos que vão da época do garimpo, a histórias de lobisomem e assombrações, ou mesmo o caso de uma chuva de peixes no Riacho do Ouro. Ele conta sobre a chegada do turismo no Capão e as melhorias de vida que este trouxe para a população, que inicialmente estranhou a chegada das “pessoas alternativas”. Narra também um episódio em que a prefeitura queria cortar as árvores da praça da Vila para construção de um calçamento. Por três dias os moradores se uniram para impedir a derrubada das árvores, enfrentando até mesmo a polícia municipal, até que um incêndio inexplicado na serra os dispersou.

Nem reúne em seu livro uma coleção de memórias, revelando um outro lado do Capão, mais próximo da vida cotidiana de seus moradores. Ele afirma que todas as histórias são verídicas e que as pessoas envolvidas ainda estão vivas para contar sua experiência.



ilustrações do livro "Fatos Criados e Contados do Vale do Capão, por André Vicente e Leire Manterola >>

Roteiro de Viagem

As etapas iniciais de aproximação e coleta de dados sobre o Vale do Capão me trouxeram muitas informações importantes para uma análise urbana. Já havia se tornado claro, a partir das conversas com os moradores, que existia uma tensão relacionada ao aumento do fluxo de visitantes e à chegada de novos habitantes. Mas o entendimento deste conflito ainda não estava muito claro para mim e deveria ser investigado mais a fundo. Seria preciso adentrar e complexificar esta questão, para “captar determinados aspectos da dinâmica urbana que passariam despercebidos, se enquadrados exclusivamente pelo enfoque das visões macro” (MAGNANI, 2002). Neste momento do trabalho seria necessário definir uma metodologia de aproximação através do vídeo que me permitisse compreender melhor esse conflito a partir de um enfoque “de perto e de dentro”.

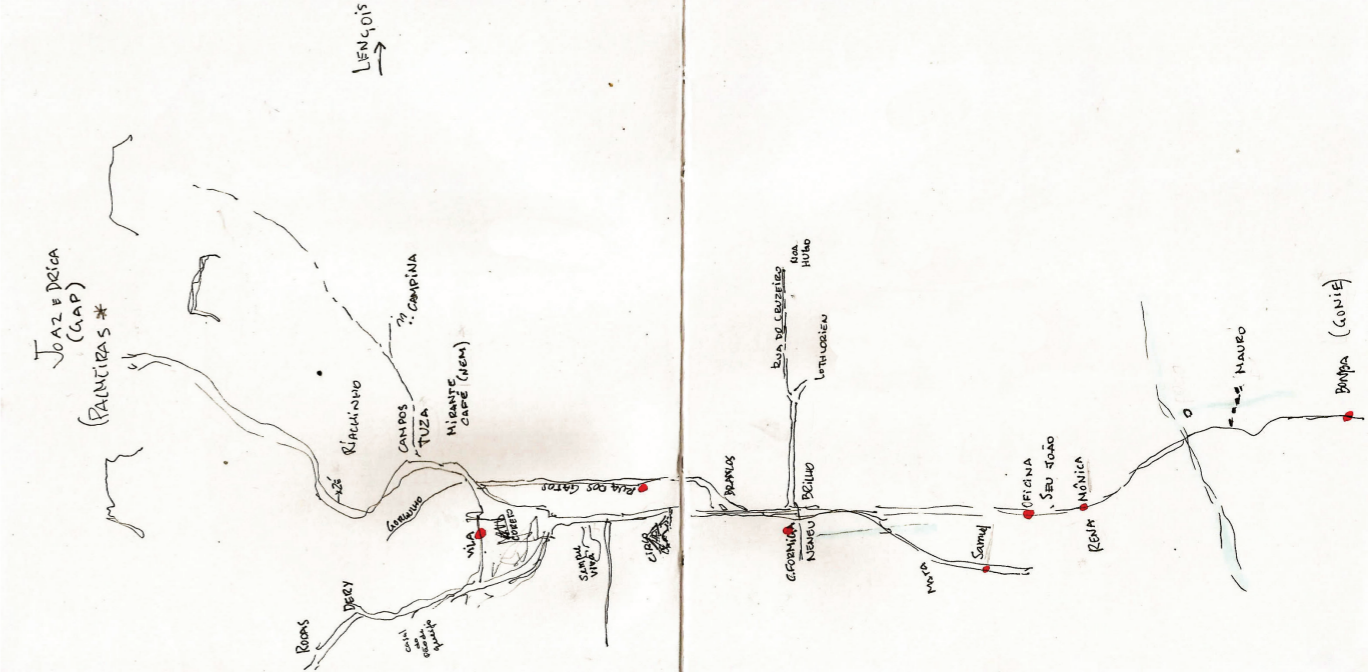
As imagens do Vale do Capão encontradas pela internet e televisão costumam ser de paisagens aéreas deslumbrantes, das suas montanhas, cachoeiras, dos seus rios ou da vida simples e saudável das pessoas em meio a natureza. Diante desse excesso de imagens espetaculares e outras que reforçam o estereótipo de um Capão alternativo com uma aura mágica e encantadora, decidi criar um contraponto trazendo imagens do Capão “de dentro”, focando nas pessoas em suas casas e em seu cotidiano. Com isso não pretendo

de forma alguma negar o outro lado, mas apenas trazer mais uma visão, estabelecendo um novo ponto de vista. O Capão das imagens espetaculares também existe e é parte importante da compreensão do todo, mas há outras faces que merecem ser reveladas para um entendimento mais abrangente.

Já de início, por estar trabalhando dentro de uma perspectiva audiovisual, usando o vídeo documentário como forma de complexificar a minha análise sobre o Vale do Capão, surgiu a necessidade de um roteiro de filmagem. O que eu filmaria? Quais seriam os personagens essenciais nesse processo? Quais tipos de imagem pretendia captar?

Ao mesmo tempo em que se fazia necessário encontrar uma forma clara de guiar a minha pesquisa, ter um roteiro rigoroso e preciso iria impedir que questões novas e inesperadas, mas ainda assim importantes, pudessem surgir durante o processo de filmagem. O vídeo foi escolhido como instrumento de pesquisa sendo o processo de busca ainda mais valioso que o resultado final. A filmagem, mais do que um fim, deveria ser o meio, o pretexto de aproximação.

O roteiro se converteria portanto em um roteiro de viagem, no qual eu determinaria apenas o percurso a ser percorrido e os pontos de parada no caminho, pedindo hospedagem a alguns moradores por um dia e uma noite como forma de aproximação e interlocução. Deste modo buscaria participar do cotidiano dos moradores ordinários do Vale do Capão, mesmo que de forma passageira, me colocando em uma posição muito clara, a de alguém que vem de fora. Não haveriam interlocutores mais importantes que outros, pois o critério de escolha



destes se daria simplesmente de acordo com sua posição geográfica dentro do percurso.

O momento escolhido para essa viagem foi o período de janeiro, alta estação e momento das comemorações de ano novo, quando o o Capão estaria em seu momento de inchaço. O ponto de partida para realização do percurso seria o Vale do Pati, localizado dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina e junto à Cachoeira da Fumaça, um dos maiores

Croqui do Roteiro de Viagem com os pontos (em vermelho) marcando a casa das pessoas planejei passar a noite.

atrativos de turistas e mochileiros nacionais e internacionais que chegam ao Vale do Capão. Buscaria dessa forma compreender quais as relações e contradições entre o Vale do Pati e o Vale do Capão, realizando um percurso de dentro para fora do Parque e de dentro para fora do Vale.

Julguei importante também definir algumas diretrizes para o processo, como a busca pela interferência mínima da câmera, evitando o uso de tripé e equipamentos de iluminação que chamariam mais atenção para esse equipamento e que poderiam causar certo desconforto; e ainda privilegiando o uso do gravador de áudio quando fosse mais apropriado, de modo a não perder informações relevantes em momentos em que não fosse possível utilizar a câmera filmadora. Quanto a condução das conversas, deveria dar livre curso, evitando perguntas de opinião e preferindo levantar questões quanto a relação da pessoa com o Capão. Em todo o percurso contei com a presença de um assistente, Bruno, que, além de se ocupar com a logística do transporte e manuseio dos equipamentos, contribuiu no processo de modo a tornar as conversas mais espontâneas, desviando a atenção da câmera.

Relato da experiência

31.12.2014, quarta-feira | chegada

Viajo para o Vale do Capão na véspera do reveillon. A estrada de terra que liga o município de Palmeiras ao Capão tem movimento intenso de carros, que deixam como rastro uma constante nuvem de poeira. Chego na Vila por volta das quatro horas da tarde. Alguns poucos grupos e casais circulam pelas ruas e vejo uma certa movimentação em alguns restaurantes abertos e no bar Flamboyant, localizado bem no centro da Vila, próximo à Igrejinha e ao Coreto. Me surpreendo ao ver que este ano optaram por armar o palco bem em frente ao coreto, de costas para o mesmo. Um antigo palco fixo, lateral a este e muito menor está agora cercado por um muro.

Seguimos direto pela rua lateral e em menos de dois minutos chegamos à casa de Mariana, nossa anfitriã para esses primeiros dias de viagem. Na intenção de observar e registrar a movimentação das pessoas desde o fim da tarde, me instalei na casa e logo sigo para a Vila, com câmera filmadora e gravador em mãos. Sentada na calçada, observando o vai e vem das pessoas, procuro estabelecer em mim um olhar distanciado em uma paisagem que já me é habitual. Há dez anos que acompanho as mudanças graduais no cenário da região





em minhas idas quase que anuais ao Capão e a busca pelo estranhamento não se revela um exercício fácil. Passo então a observar o que de fato chama atenção

Neste momento a movimentação já é bem maior do que na hora em que chegamos. Percebo pelas roupas que alguns grupos retornam dos passeios e trilhas às cachoeiras enquanto outros já arrumados chegam à Vila para a festa de ano novo. Na rua que dá acesso à praça, as lojas e restaurantes já estão todos abertos, um balcão posicionado na rua em frente a uma pequena pizzeria vende fatias de pizza vegetariana e aglomera várias pessoas, enquanto um grupo de músicos se posiciona na calçada e começa a tocar um jazz. Registro essas imagens. Alguns carros e motos passam devagar enquanto um senhor com colete de trânsito orienta os motoristas a virarem à direita na rua lateral para que não passem pela praça.

Mudo de lugar e me aproximo do palco. Muitas crianças brincam dentro do coreto e em um pequeno parquinho ao lado. Logo se inicia uma movimentação na praça central: um grupo de palhaços se prepara para começar uma apresentação aglomerando muita gente em volta.

Aos poucos o movimento vai aumentando e o show começa no palco. A virada do ano se aproxima e a Vila já está muito cheia, com gente por todos os lugares, a maioria aglomerada na área da praça central, em frente ao palco. Apenas uma cena comum de uma multidão em um lugar turístico no ano novo? Provavelmente sim, mas não tão comum para mim, pois vejo a diferença gritante da quantidade de pessoas que quatro anos atrás, quando fui ao Capão em período de festa pela última vez, eu já considerava como multidão.

Para enxergar alguma coisa além de várias cabeças em torno de mim, preciso subir os degraus

de uma calçada alta de frente para o palco, no fundo da aglomeração, e me surpreendo ao ver que não sou a única a filmar. Diversas pessoas em torno de mim também filmam e fotografam com seus celulares em uma consonância de pequenas telinhas reproduzindo a realidade diante de nós. Estou apenas fazendo mais uma imagem banal que se reproduzirá aos montes nas redes sociais. Desligo a câmera.

02.01.2015, sexta-feira | preparação

Nos dias que se seguem ao ano novo, busco encontrar algumas das pessoas que eu havia pré-determinado no meu roteiro de viagem para explicar a intenção de ficar hospedada em suas casas no retorno do Vale do Pati e checar as suas disponibilidades. Meu amigo Hugo, morador de Lothlorien, infelizmente não está no Capão e tenho dificuldade de encontrar os outros na Vila, de forma que decido ir até suas casas. Mariana se oferece para me apresentar a dois de seus amigos e adentramos o Vale para passar na casa de todos.

Carlos Formiga é o primeiro. Ele mora a 30 minutos (a pé) da Vila, numa casa grande e simples, bem em frente a estrada, logo após a entrada de Lothlorien e próximo a escola Brilho do Cristal, de forma que todos chamam a região onde mora de “no Brilho do Cristal” ou “ali em Neneu”, por causa de um mercadinho próximo, propriedade de Neneu e sua família. Formiga está muito ocupado com as reformas em sua casa que está transformando em uma hospedaria. Antes, quando trabalhava na prefeitura de Palmeiras, passava muitos dias lá e poucos no Capão. Recentemente decidiu se instalar definitivamente aqui com a



esposa e suas duas filhas.

Os quartos que estão prontos já foram alugados para turistas, então ele não poderia me hospedar nos próximos dias. Ele me convida a ficar hospedada lá em outro período, para conhecer, e se dispõe a me receber para uma conversa filmada quando eu quiser, “Agora estou sempre por aqui”, diz.

Passo em seguida na casa do amigo de Mariana, Danilo, onde também funciona a Oficina Canjerana, de marcenaria. Fica a 50 minutos (a pé) da Vila, no bairro do São João, chamado assim, porque ali existe há muitos anos um pequeno bar e mercadinho de propriedade de Seu João. Mariana me apresenta a Danilo e explico brevemente o meu trabalho. Já não peço hospedagem porque acho melhor deixar isso para um segundo contato. Ele me conta que não estará em casa em determinados dias, já que irá com o pai no rio pegar um tronco de madeira que se movimentou após a última chuva e agora está numa posição ótima para ser removido. Danilo usa madeira morta que encontra no rio e na mata como matéria prima para seu trabalho. Me diz quando estará disponível e falo que voltarei depois.

Seguimos para o Bomba, no final da estrada que percorre o Vale, próximo ao início da trilha do Vale do Pati, a cerca de duas horas da Vila. Depois de um longo intervalo com pouquíssimas casas espaçadas e muitas ladeiras, chegamos a um aglomerado de casas, todas próximas, dentre as quais há uma pequena igreja e quatro ou cinco vendinhas de pastel de palmito de jaca, frutas passas e caldo de cana. A venda de Gonie é logo a primeira. Sentamos para comer um pastel e Mariana me apresenta a ele, que aparenta ser bem tímido e

reservado, mas muito solícito.

Eu explico que estou fazendo um trabalho, que irei ao Vale do Pati e que retornarei por volta do dia 6 ou 7. Digo que quero fazer a trilha com calma e que seria bom se pudesse passar a noite no Bomba, na volta. Ele estranha a minha pergunta de, diz que as pessoas não costumam dormir ali e que não tem camping nem pousada. Eu insisto, explicando que sairei direto da Prefeitura (um ponto de dormida dos trilheiros no Vale do Pati), de onde a caminhada até o Capão é longa para ser feita em um só dia. Digo que tenho barraca e que preciso apenas de um espaço para armá-la e se possível um banheiro e pergunto se ele não teria algum lugar em seu quintal onde pudesse acampar por uma noite. Ele responde que ele não sabe muito bem onde poderia ser, mas que tudo bem, que poderia arranjar um lugar. Ele não se nega a ajudar, mas pela sua expressão demonstra claramente o quão estranho é o meu pedido.

Gonie se ausenta para atender um grupo de turistas que chega em um carro fretado. Reconheço o carro, o motorista é Rena, um antigo conhecido. Embora eu não tenha muita intimidade com Rena, uma vez, anos atrás, ele me levou para conhecer a casa de sua família, recém construída na época, e me mostrou algumas fotos da viagem de avião que havia feito. Conto a Rena sobre o meu trabalho e pergunto se eu poderia ficar hospedado em sua casa por um dia, quando gostaria de conversar com ele sobre o Capão. Ele responde tranquilamente que sim, e para minha surpresa não demonstra estranhamento nenhum diante do meu pedido. Mas diz que em janeiro tem muito trabalho e que quase não tem passado tempo em casa. Sua esposa também passa o dia trabalhando em uma padaria na Vila nesse



período de alta estação. Eu digo então que posso me planejar para ir no dia em que ele estiver livre. Gonie tira um papel dobrado do bolso e olha uma tabela com dias e horários dos transportes que fará, com os nomes de diferentes pousadas e clientes preenchendo as lacunas. Ele parece estar realmente se empenhando em me atender, mas a tabela está toda completa, não há sequer um dia livre, no máximo intervalos breves entre um frete e outro. Desisto da hospedagem e pergunto se não tem ao menos como nos encontrarmos para conversar. Ele me diz para procurá-lo na padaria onde trabalha sua esposa, pois é lá que ele passa o tempo livre entre um transporte e outro.

06.01, terça-feira | Vale do Pati

Meu roteiro de viagem, como planejado para este trabalho, começa de fato aqui no Vale do Pati, dentro do Parque Nacional da Chapada Diamantina. Amanhecemos o dia na Prefeitura, uma hospedaria bem no meio do Pati administrada pela família de Jailson e Marta, que moram em uma casa próxima com a família. Estamos sozinhos, eu e Bruno. Os que dormiram ali seguiram viagem logo cedo. Quando acordamos só encontramos um último grupo que concluía seu café da manhã e logo partiram.

A Prefeitura nunca foi prefeitura de fato. Era uma escola que pertenceu à prefeitura de Andaraí e por isso recebe esse nome. A família de Jailson e Marta sempre tomou conta do espaço. É uma casa grande com cinco quartos, dois banheiros e uma cozinha com fogão a lenha. Há um segundo fogão a lenha nos fundos próximo a uma pequena venda



com alguns alimentos não perecíveis: macarrão, enlatados, biscoitos, etc. Os quartos são completamente vazios e querendo um pouco mais de conforto, pode-se pedir um colchão a um acréscimo no valor da diária.

Me aproximo aos poucos da casa de Jailson e Marta com o pretexto de encomendar um jantar para a noite. Marta me conta que estão chegando mais três grupos para jantar e pernoitar. Não me sinto invadindo sua casa como imaginei, pelo contrário, a sala onde estou, com duas mesas grandes e compridas e três murais de fotos é destinada justamente a receber os turistas que chegam no fim do dia. Permaneço, olhando os enormes murais de fotos nas paredes e conversando com sua filha caçula, Maiara, que tem uns 6 anos de idade e que figura na maior parte das fotos junto com diferentes grupos de visitantes. Maiara não é tímida, conversa comigo e quando ligo a câmera fica ainda mais animada e me chama para mostrar toda a casa, o quintal, as galinhas, o balanço... Faço um verdadeiro tour com ela que me mostra também os vários quartos para os hóspedes, estes, diferente dos da Prefeitura, tem camas e cobertores.

Marta está ocupada na cozinha, já começou a preparar o jantar dos visitantes com ajuda de seu sobrinho que está passando as férias no Pati. Maiara me leva até a cozinha: “Mãe, o que a senhora está fazendo pra moça filmar a senhora?” . Logo estou dentro da cozinha aprendendo a receita do godó de banana verde. Durante a conversa, descubro que Maiara apareceu no primeiro (dentre os dois mais recentes) Globo Repórter sobre a Chapada Diamantina.





Marta pede a Maiara que me mostre a geladeira e diz que a única coisa ruim de morar ali é a caminhada, tudo tem que vir de Guiné até aqui nas costas: geladeira, pia, fogão... São cerca de quatro horas de caminhada em terreno acidentado. Mas de todas as coisas, parece que a geladeira foi o trunfo maior, cinco homens para trazer de Guiné (atualmente quase todas as casas do Pati possuem energia solar). A feira também é feita em Guiné uma vez por semana com um burro, e as crianças maiores passam o ano lá para frequentar a escola, já que não existe mais escola no Vale do Pati. Pergunto se Marta conhece o Capão. Ela foi apenas uma vez quando Maiara era ainda um bebê e ficou por poucos dias, nem deu pra conhecer direito. “Me disseram que está ficando muito cheio lá”, comenta

Jailson retorna e logo em seguida chega na cozinha uma turista de São Paulo. “Já tem Ibope aqui”, ela brinca ao me ver com a câmera. Ela se apresenta a Marta, pergunta se pode tirar umas fotos e começa a fotografar a cozinha enquanto conversa. Passo somente a observar a situação, enquanto a nova visitante faz diversas perguntas sobre o Vale do Pati. Jailson conta que a região já teve muito mais moradores, isso muito antes de virar parque nacional. Ele diz que existiam muitas plantações de café “o governo pagou pra tirar tudo e queimar. Quem tinha café arrancou tudo. Foi muita gente embora nessa época.”

A fotógrafa vai embora e continuo mais um tempo conversando com Marta, a acompanho até a horta para buscar alguns ingredientes e retornamos. Percebo que Marta e sua família não possuem muitas relações e experiências com o Capão além daquelas estabelecidas com turistas e guias que vem e vão. Depois de um tempo Marta me pede para sair da cozinha, me dizendo que se eu continuar ali vou descobrir o que será servido no jantar e que tem

que ser surpresa.

Retornamos a noite para o jantar. A sala agora está cheia. Um guia francês morador de Lençóis acompanha um casal de franceses e outro guia morador do Capão acompanha um segundo casal. O terceiro grupo só virá no dia seguinte, algum imprevisto os fez parar para pernoitar na Casa de Dona Raquel, também no Pati. Essas notícias chegam pelo rádio. Ambos os grupos irão seguir no dia seguinte bem cedo para o Vale do Capão. O guia morador do Capão tem bastante intimidade com Marta e a família. Ele brinca com Maiara que o adora e ela senta pra comer com a gente enquanto Marta e Jailson sentam no batente entre a sala e a cozinha e conversam com o guia.

07.01, quarta-feira | Trilha Pati - Capão

Acordamos de manhã cedo para preparar nossas coisas e partir. Vamos então na casa de Marta e Jailson para pegar alguns pães caseiros, pagar pela estadia e nos despedir. Os dois grupos já saíram. Marta me pede que lhe envie um pendrive pelo correio com os vídeos que eu fiz, assim eles podem assistir no tablet de Maiara. Não deixo de ficar um pouco surpresa por descobrir que Maiara, uma menina de 6 anos que mora no meio do Vale do Pati, tem um tablet. Mas fico ainda mais surpresa por saber que com toda a dificuldade de acesso o correio chega até lá. Marta me explica que um morador do Pati traz o correio de Guiné no dia da feira. Outra surpresa ao anotar o seu endereço e dados foi descobrir que o nome de Marta é na verdade Maria Aparecida, “Marta é apelido, todos me chamam

Falamos com Seu Adailton e por sorte há um único chalé desocupado. Temos cama, colchão, chuveiro quente! Que glória!

08.01, quinta-feira | a casa de Mônica

Na luz do dia reconheço que estou no bairro do São João. A cerca lateral do camping faz limite com uma rua transversal e lembro que no final dessa rua fica a casa da tia de uma amiga de Salvador, que conheci muito brevemente na minha ida anterior ao Capão em maio. Resolvo ir até lá para dar um “oi”, o que foi uma excelente ideia!

A casa fica no final da rua, escondida em meio às árvores, e apesar de fazer limite com o terreno do camping de Seu Adailton, é bem reservada. Mônica é muito receptiva, nos oferece um café e em seguida nos mostra uma casinha próxima a sua, um antigo galinheiro onde seu ex-marido havia iniciado uma reforma inacabada e que ela havia me mostrado da outra vez que estive lá. Ela fez várias mudanças de lá pra cá. Com sobras de madeira fez um piso muito bonito, uma espécie de mosaico, pintou as paredes, fez uma porta, colocou alguns poucos móveis – um colchão, uma mesa e duas cadeiras – e limpou o terreno em volta. Pergunta se queremos ficar hospedados lá, tem chuveiro e sanitário e quanto à cozinha, podemos usar a da sua casa. Aceitamos felizes, claro, e voltamos ao camping para liberar o chalé e buscar nossas mochilas. Mônica acaba de entrar em meu roteiro.



09.01, sexta-feira | retorno ao Bomba

Retornamos ao Bomba pela manhã. Já desisti de pedir hospedagem a diferentes pessoas e desisti com certeza de pedir hospedagem no Bomba, mas ainda quero conversar sobre o Capão com Gonie e também com Jane. No caminho damos carona a um francês que segue sozinho para o Vale do Pati. Passamos por alguns outros grupos que pedem carona no caminho, mas como temos apenas mais duas vagas no carro, eles preferem seguir juntos a pé.

Chegando no Bomba por coincidência encontro Jane na vendinha de Gonie e descubro que ela é esposa de seu tio. Quando falo com Jane da minha intenção de conversar com ela enquanto a filmo, ela nega sem nem pensar duas vezes e não cede a minhas insistências, mesmo quando abduco de registrar a conversa. Ela diz que não sabe nada que possa me ajudar, que tem muito o que fazer e então sai, como fugindo de mim. Receando outra investida frustrada, eu permaneço na mesa lateral da venda de Gonie aguardando mais calmamente uma oportunidade de interação com ele, enquanto este atende alguns clientes que chegam a todo o tempo. Sua esposa também está na vendinha trabalhando, além de duas crianças que brincam no terreno em volta.



A maioria dos visitantes que param no Bomba estão seguindo para as cachoeiras das Angélicas e da Purificação. Apenas o francês que pegou carona conosco e um outro grupo seguem para o Vale do Pati. Reconheço a diferença pelo tamanho da bagagem que levam nas costas. Um grupo senta conosco, eles são todos de Recife, Pernambuco, fazem um lanche rápido e seguem a trilha.

Passo um bom tempo sentada aguardando um momento para puxar conversa, já com a câmera e gravador ligados. Como alguns pasteis, um caldo de cana e permaneço ali interagindo com as duas crianças, uma filha de Gonie e a outra sua sobrinha. Pouco depois do meio dia, quando o movimento de turistas se acalma, Gonie senta conosco, pergunta sobre o que é o meu trabalho e daí começamos a conversar.

Quando falo que estou fazendo um trabalho sobre o Capão ele diz que na verdade não sabe quase nada, “a gente fica mais cá pro Bomba e não vai muito lá pra baixo”, se referindo à Vila. Me diz que não vai nunca para as festas que tem na Vila e só de vez em quando vai para a feira, aos domingos. E que além de não ir à feira eles também não cultivam nenhuma horta, “a terra aqui não é muito boa não”, diz.

Me conta que no Bomba é todo mundo da mesma família. Lá tem uma pequena igreja evangélica e seu irmão que mora na Doce Mel (localidade entre o Bomba e o São João) vem todos os sábados para celebrar o culto, “ele que é o pastor, meu irmão”. Quando questiono sobre novos moradores, ele me conta que não tem muita gente, que algumas pessoas tem comprado terreno, mas que isso tem acontecido há apenas um ano, desde que colocaram energia. “O pessoal que vem pra cá compra mais terreno grande, não faz bagunça igual lá na Mata, que é um lotinho pequeno, outro lotinho pequeno...”, conta. Comento que deve ter mudado muita coisa no dia a dia dele desde que colocaram energia no Bomba, mas ele também diz que não mudou nada.

A esposa dele o chama de dentro da vendinha. Se escondendo de mim, ela insiste que ele vá almoçar. Ele se recusa a ir naquele momento e ela pede algumas vezes que ele me diga que eles são crentes e que eu deveria parar de filmar. Mesmo eu estando ali ao lado ouvindo tudo, ela se refere apenas a ele, “diga a ela que você é crente e que não pode... Crente não pode estar saindo em televisão não.” Ele mente dizendo que eu não estou filmando nada, mas ela continua insistindo. Para evitar qualquer desconforto, eu desligo a câmera e permaneço conversando apenas com o gravador.



Como Gonie não é muito de falar, com personalidade um pouco tímida, a conversa não rende ao menos que eu siga buscando novos assuntos. Sobre o dia a dia ele me diz que não tem muita coisa, parece que nada acontece. Está tudo bem, tudo ótimo, nenhuma queixa ou reclamação e nenhuma mudança tem acontecido. Lembro dos textos sobre etnografia urbana e percebo que para ir mais a fundo eu precisaria de alguns dias a mais de insistência no Bomba, adquirindo um pouco mais de proximidade com Gonie para que a conversa fluísse com maior naturalidade. Me atenho à proposta, devo prosseguir.

Seguimos para a vendinha de Jane para comer um pastel e tentar uma última aproximação. Há um grupo de dois franceses, pai e filho, e uma brasileira na mesa ao lado e começamos a interagir com eles e com Jane falando sobre a receita do pastel de palmito de jaca. Jane diz que gostam muito do palmito de jaca porque a maioria dos que vão ao Capão são vegetarianos.

Jane conta que é de Mata do Amaranto, município de Boninal, na Chapada Diamantina. Ela se mudou para o Capão há sete anos, quando se casou com o tio de Gonie. Sobre as cachoeiras do Vale do Capão conta que só foi uma única vez na Cachoeira das Angélicas

e em nenhuma outra.

Sáimos em busca de um lugar para almoçar junto com o grupo dos dois franceses e da moça brasileira. Comento que dentre os estrangeiros que encontrei no Capão, certamente a maioria foi de franceses, no que o rapaz mais novo diz que observou na França diversos pacotes de viagem baratos para a Chapada Diamantina. Mas eles vieram por recomendação da namorada, alagoana, que havia conhecido a Chapada na infância e queria muito voltar com ele. Ela pensava em se mudar para lá, abrir um hostel e “vender pro povo de fora” que, segundo ela, gosta mais dessas folias, enquanto os brasileiros são de moda. Chegaram a encontrar uma pousada à venda no Capão, mas acharam o valor caro. Eles estão hospedados em Lençóis e vieram passar apenas um dia no Capão para conhecer.

Após o almoço, já no fim da tarde, nos despedimos dos três e seguimos para o São João. No caminho, paro em uma pequena casa a procura de um casal que conheci em maio e que havia me dado seu endereço antes da minha ida ao Pati. Suelen acabou de chegar, sua bicicleta está estacionada na varanda e a porta da casa aberta. Seu companheiro, Nei, não está, foi para um festival em Lençóis. Ela senta em uma esteira na varanda com um pratinho com cream crackers e manteiga e começa a nos contar como foi sua viagem até chegar ao Capão.

Eles dois saíram de Belém de bicicleta, passaram por Brasília, Chapada dos Veadeiros e várias outras cidades, quase sempre de bicicleta, algumas vezes de ônibus, através de um serviço da Assistência Social. De passagem em Porto Seguro conheceram a dona de uma



pousada do Capão e de carona vieram parar aqui. Por ela foram apresentados ao dono de um camping onde moraram de barraca por um ano na base da troca de favores. Eles mantinham a cozinha do camping em ordem e em troca não precisavam pagar pelo acampamento. Também vendiam o artesanato que produzem nali mesmo.

Depois disso já passaram por outro camping e por uma casa no Sítio Rodas – antiga Comunidade Rodas do Arco-Íris –, também realizando pequenos serviços em troca de abrigo, e agora, recentemente, alugaram essa casa no São João. Nesse tempo em que estão no Capão já rodaram pela Chapada Diamantina quase toda pedindo carona nas estradas. Eles não necessariamente pretendem ficar no Capão, mas segundo Suelen “é incrível a energia daqui e a sincronicidade das coisas. Toda vez que é pra ir embora alguma coisa nos prende!”

Ela agora está trabalhando na pousada da mesma moça que deu carona a eles em Porto Seguro. Vai para a Vila e retorna todos os dias de bicicleta ou de carona. Ela conta que no Capão as pessoas oferecem muita carona, “mas nessa época que fica assim cheio eles já não dão tanta carona porque é muita gente circulando”. Ela também conta que “essa é uma época que todo mundo trabalha muito. Todo mundo trabalhando direto, acordando cedo para recepcionar as pessoas, para dar conta da demanda”. Segundo ela nos feriados e fins de semana a maioria dos visitantes vem de Salvador, mas nessa época de janeiro vem muitos estrangeiros também, muitos franceses e italianos.

A única queixa feita por Suelen é que na alta temporada vem muitos carros e que tem gente que não respeita os pedestres, passando em alta velocidade e levantando poeira. Além disso

diz que as pessoas que vem de fora pensam que no Capão todo mundo fuma maconha e não é bem assim, os nativos não gostam muito, “tem que respeitar os costumes daqui. Não dá pra fumar na Vila, na frente da casa das pessoas, onde tem crianças, família...”

Suelen liga um som e se deita, relaxando na esteira da varanda. Chegam duas meninas por volta dos 12 anos de idade, sobem bem alto numa pitangueira bem na frente da sua casa, ao nosso lado, e ficam lá por um bom tempo colhendo e comendo pitangas. Uma delas nasceu e mora no Capão e a outra se mudou para Salvador e agora está passando as férias. A segunda se diz “menininha da cidade”, e repete isso mais de uma vez, se justificando por não ter conseguido subir tão alto na árvore.

10.01, sábado | Oficina Canjerana

Chegamos na Oficina Canjerana a procura de Danilo e ele não está. Encontramos seu pai, Josemar, já de saída. Ele está construindo uma bio-fossa em uma casa próxima, aqui mesmo no São João, e chama Danilo que chega em menos de cinco minutos.

Danilo nos mostra a oficina de marcenaria e um estoque de troncos de madeira de lei, “Canjerana é essa madeira aqui. Antigamente os nativos só usavam essa madeira para construir”. Ele nos conta que só trabalha com madeira morta que ele e Seu Josemar “garimpam” na mata e no rio. “Tem muita madeira no rio, só que a galera não pega porque não sabe pegar. Foi meu pai quem me ensinou”, conta, explicando que tem que ter muita



paciência e esperar o momento certo para tirar a madeira que se desloca no leito do rio durante as chuvas mais fortes.

Ele diz que no início todos davam risada, dizendo que era madeira podre, e hoje só quem faz esse tipo de trabalho de garimpagem são eles. As madeiras retiradas do rio são muito bonitas, são esculpidas pela água ao longo do tempo, e Danilo aproveita dessas formas para criar os móveis que executa. No entanto, ele fala da dificuldade que tem com a valorização do seu trabalho. A madeira comprada sai mais em conta e o trabalho realizado com ela é em série, mais prático e rápido, o que torna esse serviço de marcenaria mais barato. “Mas eu não quero, porque é mais madeira que você tá derrubando, mais madeira do Pará”, diz.

Seguimos conversando sobre o Capão e a conversa se desenvolve facilmente. Danilo é um homem jovem de no máximo 30 anos. Bem informado, costuma frequentar as reuniões da Associação de Pais, Educadores e Agricultores de Caeté-Açu, a APEA-CA e nos conta sobre as dificuldades de se chegar em consensos entre os moradores durante as reuniões comunitárias. Ele fala um pouco sobre todos os temas que vem sendo discutidos nas reuniões e dos embates com a prefeitura de Palmeiras. Para Danilo o turismo trouxe muitos benefícios para o Capão, mas, por outro lado, antes todos os moradores se uniam para resolver voluntariamente os problemas da comunidade já que “antes, como o lugar tinha menos renda, as pessoas viam o mundo com outros olhos” e hoje “está todo mundo mais voltado para fazer suas coisas e ganhar o seu dinheiro”.

Ele se queixa do aumento dos preços decorrente do turismo. Diz que na alta temporada

o mercado aumenta os preços, deixando os valores mais próximos aos da cidade. Depois que acaba o movimento, eles não baixam novamente, ficando o mesmo valor também para os moradores.

Danilo fala também do aumento da circulação de carros e do excesso de poeira nas estradas que vem causando problemas de saúde na população segundo Áureo, o médico do Capão. Na tentativa de solucionar, a Prefeitura de Palmeiras envia um carro pipa que bombeia a água do rio para jogar na estrada. Mas com o calor, em pouquíssimo tempo está tudo seco novamente. Então além de não resolver nada, seca o rio.

Ele diz que teme o asfaltamento da estrada entre Palmeiras e o Capão por acreditar que isso poderá aumentar ainda mais o fluxo de veículos na região. Nos conta que mesmo nas baixas temporadas a circulação de carros já é grande; “Hoje no Vale você vê pouca gente andando a pé. Mesmo a galera nativa não anda mais a pé.”

11.01, domingo | Dia de feira na Vila

Domingo é dia de feira no Capão e há muito movimento na Vila. Um brechó de roupas acontece dentro do Coreto. Na praça vejo a grande barraca de frutas e verduras de Dona Raimunda, os carrinhos de mão com as produções dos agricultores locais, artesanatos, lanches veganos, pães naturais e bolos integrais ao som de uma sanfona de um grupo de músicos que cantam e dançam. O bar e o mercado Flamboyant também já estão abertos.





Seguimos da Feira para a casa de Otacílio, na rua dos Gatos. O conhecemos por acaso, na casa de uma amigo em comum na noite anterior, quando ele nos convidou para ir à sua casa. Otacílio, um homem forte e de fala firme, nos diz que tem uma longa formação na vida militar e no atletismo. Ele conheceu o Capão na década de 80. “Vim pra cá me descobrir como ser humano. Aqui eu podia ser eu mesmo e ter minhas experiências sem estar me expondo muito.”

Otacílio morou no Capão entre 2008 e 2011, quando trabalhava como oficial de justiça para o município de Palmeiras, mas nos conta com orgulho que já frequenta o Capão desde 1997: “hoje em dia eu me sinto mais natural daqui do que de Salvador”. Ele diz que quase nunca sai de casa e não vai muito à Vila, mas se considera uma “pessoa pública”. Por ter trabalhado no poder judiciário os nativos o conhecem e vão muito até a sua casa pedir orientação jurídica.

A maior crítica que faz ao Capão é a ausência do Estado e inclusive da polícia, “Aquilo que era liberdade, virou permissividade”. E diz que “aqui é complicado você dizer que tem que cumprir a lei, que tem que ter ordem, que tem que ter polícia.” Ele conta que um dos grandes problemas do Capão é que as pessoas que vem de fora não respeitam os costumes locais e afirma que isso provoca uma certa xenofobia nos nativos.

12.01, segunda-feira | Mirante

Em maio, quando estava no Capão fazendo as primeiras aproximações para o meu trabalho, eu encontrei no mercadinho de Neneu um livreto com casos e histórias do Vale escrito por Romildo Alves, ou Nem, como lhe chamam. Desde então tenho muita vontade de conhecê-lo, mas todas as minhas tentativas de encontrá-lo foram falhas. Eu soube que Nem trabalha como jardineiro na pousada de uma amiga no bairro dos Campos, nas segundas e quartas feiras, e então chego lá no Mirante bem cedinho a sua procura. Converso com ele enquanto mexe na terra e nas plantas e nossa conversa já começa diferente quando ele inverte os papéis me perguntando se segundo a minha visão o Capão mudou para melhor ou para pior. Daí começa a explicar todos os benefícios que a região obteve nos últimos anos: a melhoria da estrada, a chegada da energia elétrica, a reforma do posto de saúde, a internet e, mais recentemente, uma torre de celular, que segundo ele só funciona de dia. Mas diz que as outras mudanças ele não aprova. Para ele a pior coisa que está acontecendo é o esquecimento cultural. “No São João o pessoal fazia muito bolo e ia nas casas uns dos outros, confraternizava todo mundo junto. Hoje não! O período que o pessoal passava colocando bandeirola nas ruas agora tá todo mundo trabalhando.”

Para Nem os turistas que frequentam o Capão sentem falta de poder se sentar com um nativo na Vila e conversar por horas sobre as histórias do Vale. Foi por se preocupar com o esquecimento cultural que resolveu escrever o seu livro. Conversou com vários nativos para relembrar as histórias. Ele afirma que todos os casos contados no livro são verda-

deiros, desde as histórias de lobisomem até a da chuva de peixes, que foi até comprovada cientificamente: “As pessoas que viveram essas histórias ainda estão vivas para contar”. Ele fala também do cachorro branco, que assombra a ponte dos Brancos desde que um homem morreu ali há anos atrás. Essa história não está no livro.

Nem mora na rua dos Gatos. Ele diz que o Capão é um bom lugar pra viver, mas que às vezes enche o saco porque nada acontece. Quando eu pergunto pelos festivais e festas que acontecem durante o ano, ele responde que “quem organiza esses festivais às vezes são pessoas que nem moram aqui. Tem casa no Capão, mas não moram. Eles trazem bandas do estilo deles e não agrada muito a maioria dos que vivem aqui. O pessoal não gosta muito”.

Nem reclama também do crescimento desordenado e da falta de estrutura e de fossas. “O Capão é uma bacia né? Então pra onde isso vai? O pessoal só tá preocupado com o lucro”, e afirma que não são só os nativos que deveriam se preocupar com a preservação ambiental, afinal “quando você mora você já faz parte do lugar, independente de se você nasceu na China ou na Alemanha.”

Ele trabalhou por muitos anos como guia e fazia parte da Associação de Condutores, mas conta que saiu porque haviam alguns conflitos. “Tinham alguns tópicos na associação que eu não concordava, eu tinha minhas ideias. Não é qualquer pessoa que pode chegar na associação e sair guiando. Não é só porque você está no local há cinco meses e conhece as trilhas que você pode ser guia. Não é assim. Quando eu tinha nove anos eu já subia essas serras tudinho pegando candombá¹ pra vender”.

1 candombá é uma planta típica do cerrado. Seu caule libera uma seiva que entra em combustão com facilidade e são muito utilizados para acender fogão a lenha.

Já no final de toda a conversa com Nem, percebo que ele estava com uma camisa de um festival de cinema e comento que foi uma coincidência ele ter escolhido vestir essa blusa logo hoje que apareci aqui para filmá-lo. Curiosamente ele se mostra surpreso ao saber que eu “já estava filmando”. Eu tinha avisado, mas ele estava tão entretido na conversa e no seu trabalho de jardinagem que nem sequer havia observado a câmera e o gravador ligados na





minha mão e na de Bruno desde o início da conversa.

Mais tarde encontrei com Samuel na Vila, na casa de Mariana. Ele vai lá constantemente para usar a internet Wi-Fi e como há dias tentava encontrá-lo em sua própria casa na Mata, resolvemos conversar ali mesmo. Ele me contou que sua casa está cheia de hóspedes e que recebe muitas pessoas através da rede social Couchsurfing.

Samuel chegou pela primeira vez no Capão vindo de Lençóis a pé, junto com um amigo, pela trilha da Cachoeira da Fumaça por baixo e logo na chegada foi recebido por Seu Dai, uma das personalidades mais conhecidas do Vale do Capão. Seu Dai é dono de um camping muito famoso entre os visitantes de Salvador e é por sinal, irmão de Seu Adailton, dono do camping onde ficamos ao chegar do Pati, e também irmão de Rena. Ele os acolheu muito bem, ofereceu um prato de frutas com granola e mel sem cobrar nada por isso e ainda ofereceu hospedagem em um quartinho próximo a sua casa. Samuel me conta como esse comportamento generoso e despretensioso o deixou encantado.

Ele narra com tom saudosista como era a Vila quando chegou. Existia um segundo coreto menor na rua de trás e um pé de Flamboyant enorme no centro da praça, de onde vem o nome do bar e do mercado. Telefone era uma novidade e havia apenas um telefone público na Vila. Quando tocava alguém corria para atender e gritava pela praça o nome da pessoa para quem se destinava a ligação. Logo que ele chegou já havia surgido o “movimento hippie”, com as comunidades Lothlorien e Campina e estava se iniciando a comunidade das Rodas. Ele fala da “qualidade energética das pessoas” e que “não existia muito interesse

financeiro entre o nativo e o turista, era mais uma curiosidade de querer saber como era a vida na cidade”. Segundo ele “você chegava em qualquer terreno e acampava, não tinha essa coisa territorialista” e muitas pessoas vinham para o Capão em busca de um caminho espiritual e de autoconhecimento.

Samuel mora há sete anos no Vale. Desde a primeira visita voltou para Salvador desejando comprar um terreno lá, que na época era muito barato. Logo que pôde, comprou um na Mata e construiu sua casa. Seu primeiro emprego foi como professor de matemática na escola municipal e hoje ele trabalha como engenheiro da Prefeitura de Palmeiras. Ele diz que “a especulação financeira chegou com força aqui no Capão” e que em seu trabalho tem visto muitos projetos de loteamentos e construções de casas luxuosas de veraneio, coisa que não via antes com tanta frequência. Preocupado, ele comenta que muitas pessoas estão vendo o Capão como uma forma de investimento, e vêm apenas para explorar o lugar, “Vão chegar esses tipos de pessoas que vem com essa visão, a gente tem que criar realmente um sistema para defender o próprio lugar.”

Conta também que quando começou a frequentar as reuniões da Associação APEA-CA ficou assustado com os conflitos e a discórdia entre os participantes. “É muito interesse pessoal e a participação acaba ficando no plano teórico. O Capão tem muitas pessoas de gênio forte, então cada um tem uma ideia muito espetacular e maravilhosa e não se consegue chegar a um consenso”. Mas diz que por mais conflituosas que sejam as reuniões, eles ainda conseguem ter uma ação benéfica e alcançar bons resultados.

Samuel participa também das reuniões do Conselho Municipal de Turismo e Meio Ambiente de Palmeiras, o COMTURMA, que possui uma renda proveniente de um receptivo no Morro do Pai Inácio – localizado dentro das delimitações do município de Palmeiras – que cobra uma taxa aos visitantes. Ele diz que com esse fundo já conseguiram construir um sanitário seco no Morro do Pai Inácio e agora mais recentemente fizeram uma obra de acessibilidade no Riachinho, a cachoeira de mais fácil acesso do Vale do Capão e por isso a mais visitada. “O projeto foi muito criticado, mas desde que foi construído só ouço elogios. As pessoas desciam ali de forma aleatória, acabando com a vegetação local. E a gente sabe que a chuva vai erodindo, por isso fizemos um calçamento de pedras descendo até o Riachinho”.

13.01, terça-feira | Poço do Olavo

Logo no início da manhã vou à casa de Formiga, no Brilho do Cristal. Dessa vez Bruno não me acompanha. Ao chegar, vejo que a maior parte dos hóspedes já foi embora e Formiga está na cozinha tomando seu café e assistindo televisão. Ele a coloca no mudo para que possamos conversar, mas mantém a TV ligada o tempo todo.

Formiga é um homem na faixa dos 50 anos, muito engajado politicamente e bem articulado. Em maio, na minha primeira aproximação, ele narrou detalhadamente como foram as reuniões para a elaboração do Plano Diretor Participativo de Palmeiras, organizado conjuntamente por ele, na época Secretário de Turismo e Meio Ambiente da gestão anterior da Prefeitura

de Palmeiras, uma Secretária da Prefeitura e mais um grande grupo de voluntários, a maior parte deles do Capão. Formiga me conta que eles fizeram um trabalho muito bem organizado, mas que falta agora a etapa mais onerosa do Plano Diretor. Presume que a atual gestão engavetou o relatório que eles realizaram e não tem interesse em dar andamento ao processo por questões de disputa política, embora não admitam isso. Além do mais, a Prefeitura de Palmeiras tem pouquíssimos recursos, pois embora o Capão tenha grande importância econômica para o município, não há cobrança de impostos aqui.

Formiga me diz que antigamente, anos atrás, quando o Capão tinha menos gente, era comum todos se reunirem para resolver os problemas da comunidade e menciona diversos exemplos de mutirões que aconteciam sempre. O poder público sempre foi ausente e praticamente todas as demandas coletivas eram realizadas voluntariamente.

Para ele o maior problema do Capão hoje é que as pessoas que estão chegando para morar, nesses últimos anos, não estão acostumadas a viver comunitariamente e chegam apenas para usufruir, sem se envolver de fato com as questões locais. Ele me diz que muitas delas vêm da cidade e estão acostumadas a pagar por todos os serviços urbanos e não a trabalhar coletivamente. Além disso, tem sido construídas muitas pousadas e resorts de luxo. “Tem isso também, né? Ninguém vai ficar fazendo mutirão para melhorar o acesso para um resort que o cara gastou milhões” e ainda afirma que “A água dessas pessoas tem que ser paga. A água é um bem comum, mas ela está gerando recurso.”

Ele conta ainda que várias pessoas moram na cidade e mantém uma casa no Capão para vir



em determinadas épocas do ano e que por isso não se envolvem muito com as questões da comunidade. Eu pergunto se essa tendência de construir casas de veraneio é algo recente, dos últimos anos e Formiga me responde que não, começou desde a década de 80, mas que “desde a década de 90 é que a coisa vem piorando”.

Formiga se queixa sobre a quantidade de carros que estão vindo ao Capão nos últimos anos e sobre os sérios problemas de saúde que isso tem gerado para a população. Nas épocas de seca a poeira nas estradas é muito grande devido ao fluxo de veículos e os moradores acabam respirando essa poeira diariamente. Esse é um dos motivos porque se discute a pavimentação da estrada principal do Capão. Mas para Formiga, deveria ser criado um portal em Palmeiras para barrar a entrada de carros para o Vale. Ele me conta que apesar dos inúmeros problemas o Capão melhorou muito economicamente com o turismo, que muitos nativos conseguiram se inserir nesse processo e abrir seus próprios negócios, ao contrário da realidade de Lençóis. “A maioria dos negócios estruturados que tem aqui são de nativos e de famílias.”

Desde que deixou de trabalhar na Prefeitura de Palmeiras, Formiga tem passado mais tempo no Capão e agora pretende instalar-se de vez nessa sua casa. Como a hospedaria já não está mais tão cheia de hóspedes, ele me mostra a reforma que fez, os quartos, a cozinha coletiva e um pequeno apartamento na lateral para aluguel de temporada. Ele agora tem também mais tempo para cuidar do quintal e da horta e me mostra o resultado do trabalho que teve ao podar, adubar e plantar. Vejo as várias árvores frutíferas no seu quintal, as abóboras, os pés de aipim, etc. Ele pretende manter sua casa apenas como hospedaria e construir uma

segunda mais afastada da estrada principal para ele e sua família.

Ele conta que na época que seus pais construíram aquela casa a estrada era apenas um caminho estreito e por isso hoje ela ficou assim tão na beira da rua. Por isso pretende construir uma casa mais reservada e mostra como seu terreno avança para o fundo, até o pé do morro: “Eu e alguns amigos, a gente brinca às vezes com isso... Porque eu e minha irmã a gente ainda tem um bom pedaço de terra aqui no Capão. E a gente brinca que enquanto a gente tiver terra no Capão a gente é importante, mas no momento que você vende, você vira um intruso! E é essa a verdade.”

Sigo em direção ao São João. A semana passou voando e ironicamente me vejo de repente em meu último dia no Vale do Capão sem ainda ter gravado nenhuma das conversas que tive com Mônica, justamente a pessoa com que mais convivi nesses dias e uma das poucas com quem de fato consegui aplicar a ideia inicial de ficar hospedada em sua casa. Mas em todos os momentos que chegava a seu lado com a câmera ela me pedia que deixasse para depois. Dessa vez não foi diferente, ela pediu para antes irmos no poço do Olavo para tomar um banho de rio, eu, Bruno, ela e Ayrí, sua filha adolescente. Então fomos.

Mônica me diz que gosta de ir ao Poço do Olavo porque é um lugar mais reservado aos moradores. Não é um local muito divulgado e por isso poucos turistas vão lá e raramente encontra muitas pessoas. De fato estávamos só nós quatro. Ela me mostra que a argila de uma das margens do rio é ótima para a pele. Passamos por todo o corpo e permanecemos ali ao sol. Ayrí nos mostra uma árvore ideal para se subir e saltar dentro do poço. Bruno



e Ayrí sobem e saltam algumas vezes. Depois seguimos para casa juntos para almoçar.

Mônica conheceu o Capão na década de 80, quando veio pra cá andando desde Lençóis para encontrar um grupo de faculdade. Ela me conta que na época a estrada era muito pior e chovia muito, fazendo com que os carros atolassem nas épocas de chuva e não conseguissem passar da ladeira dos Campos a não ser que colocassem correntes nos pneus. Também, tinham pouquíssimos carros no Capão, “Seu Dai foi quem teve o primeiro carro daqui. O carro tá lá até hoje... Não tinha luz ainda, nem telefone e posto de saúde era só uma casinha e desde que ela se lembra Marilza sempre atendeu como enfermeira, muitas vezes na casa dela mesmo. O movimento do turismo acontecia mais na época “das férias paulistanas” e já existiam as comunidades Lothlorien, Campina e a pousada Candombá. “As Rodas já existia também, mas era mais festa né?”, brinca, falando da Comunidade Rodas do Arco-Íris. Ela diz que o motivo que a fez morar aqui foi a natureza. Comprou o terreno da família de Josemar, o pai de Danilo, em 97 e veio morar em 99 e escolheu onde ia construir sua casa de acordo com a posição das árvores, de forma a não derrubar nenhuma delas.

Ela conta que quando colocaram energia a princípio achou ruim e questionou a necessidade, mas as pessoas diziam que queriam poder usar as máquinas, ter um freezer e uma geladeira para poder conservar as coisas, “Muito justo, não é?”, diz. Fala também sobre as melhorias que o turismo trouxe para os nativos, “A maioria tem seu próprio comércio, diferente de outros interiores que o comércio é todo de pessoas que vieram de fora. Aqui tem um equilíbrio bonito nisso, porque o nativo não fica só sendo empregado de alguém. Quando eu cheguei já tinha a pousada de Seu Dai, a pousada Sempre Viva... Emanuel da

Pousada do Capão não tinha tanto movimento quanto eles.” No entanto, se queixa da ocupação que vem aumentando muito nos últimos anos e de forma desordenada, gerando problemas com a gestão do lixo e da água.

Mônica é uma mulher forte e contestadora. Ela diz que apesar de preferir se isolar em sua casa a ter que entrar num embate com relação aos problemas que surgem no Capão, ela está educando sua filha e precisa dar o exemplo: “Eu não posso deixar de me envolver com questões que são polêmicas, porque eu estou educando minha filha, até que ela cresça, fique forte e saiba lutar pelos direitos dela”, diz. Ao decorrer do tempo em que ficamos lá ela narrou diversos episódios conflituosos com os quais teve que lidar, desde problemas com um vizinho, questões com a empresa de telefonia, que a deixou meses sem telefone, e com a Coelba, que levou outros bons meses para resolver uma situação com os contadores de energia, até um problema atual com relação a uma represa que fica dentro do seu terreno.

Ela me conta sobre a questão da água dizendo que em cada bairro há pessoas voluntárias responsáveis pela manutenção dos canos que descem da serra. Com relação a represa que existe na terra dela, há duas pessoas responsáveis e ela não se envolve e nem sequer utiliza dessa água. Para solucionar um problema do bairro da Mata, que não possui água perene e fica localizado do outro lado da estrada, eles ampliaram a represa sem um estudo técnico e sem consultar ninguém e em decorrência disso várias pessoas ficaram sem água. Ela acabou envolvida na confusão pelo fato da represa estar localizada em sua terra.

Mônica tem uma moto que usa para se locomover no Capão. Ela leva Ayrí quase que

diariamente na academia localizada no caminho para a Vila e também leva e busca a filha para encontrar as amigas à noite na Vila. Ela reclama do ambiente e da permissividade com relação às drogas e bebidas no Capão e se preocupa com sua filha adolescente.

Comenta também sobre a ausência de um transporte público: “Esse rapaz e esse comerciante conseguiram fazer esse transporte que está funcionando todo dia, 4 ônibus, mas é particular, não tem transporte público.”. Queixa-se também da qualidade da escola, dizendo que muitos dos professores são jovens que desejam morar no Capão e, como veem na profissão de educador um ofício temporário, não levam muito a sério, faltando muitas aulas. Apesar disso a qualidade do ensino e o espaço físico da escola melhoraram muito. Antes o ensino médio era em Palmeiras e os alunos precisavam pegar o transporte escolar diariamente. Houve um determinado ano em que os estudantes precisavam ficar o dia inteiro por lá, pois só havia um transporte tanto para os alunos do turno matutino quanto do vespertino.

Para ela muitos problemas poderiam ser resolvidos facilmente se houvesse uma presença maior do poder público. No entanto, “As pessoas estão vindo porque aqui não tem controle nenhum. Não tem fiscalização, não tem polícia, não se paga água nem IPTU (...) Se as pessoas estão vindo por causa da desordem, como é que vai botar ordem?”

As Dimensões do Comunitário

Durante o processo da viagem em janeiro ficou evidente nas interlocuções um conceito que permeava todos os discursos: o de comunitário. Tal questão tem uma dimensão relevante que merece ser complexificada. Inicia-se com o estabelecimento de três comunidades alternativas e o imaginário que estas criaram em torno do que é o Capão; da interação destes “moradores de fora” com a os “nativos”; é sustentado e reafirmado nos sucessivos mutirões feitos para concretizar as demandas das quais o poder público se abstem; e nas inúmeras reuniões da Associação de Pais, Educadores e Agricultores de Caeté-Açu. Nas páginas que seguem, me proponho a problematizar o entendimento de comunidade no contexto do Vale do Capão.

A Questão

A experiência foi realizada em janeiro de 2015, período de alta estação. O Capão estava cheio de visitantes e a estratégia de pedir hospedagem logo se tornou improdutiva. No entanto, conversei e filmei onze moradores e me hospedei em três diferentes pontos, sendo só o primeiro deles uma hospedaria de fato: a “Prefeitura” do Vale do Pati e nas casas de duas das interlocutoras, uma no bairro de São João e outra na Vila.

O roteiro ocorreu de forma diferente daquela planejada. A maior parte das pessoas com as quais encontrei não estavam disponíveis e com tempo livre em suas casas. Ao contrário, estavam quase todas ocupadas em atender às demandas do turismo nesse mês de grande movimentação de visitantes. Para encontrar o vale do Capão da lentidão e do tempo dilatado talvez fosse necessário ir em outra época, ou talvez mesmo retornar anos antes.

Quanto ao Vale do Pati, a relação entre os seus moradores e os do Capão é feita por meio dos guias que conduzem os turistas. Além da distância física, a dificuldade de acesso - que só é feito a pé ou no lombo de burros - e as subidas e descidas necessárias para transpor as montanhas que separam o Capão do Pati parecem ampliar esse distanciamento. Os moradores do Vale do Pati que encontrei na Prefeitura frequentam a cidade de Guiné; os que moram ainda mais distantes, no Pati de Baixo, o município de Andaraí. Essas duas cidades fornecem o suporte para a feira semanal, compra de móveis e objetos e outras necessidades, como escola para as crianças, posto de saúde e Correios. O Capão não é para os moradores do Pati um apoio para as necessidades do dia a dia, como são essas duas cidades (Guiné

e Andaraí). Por outro lado, os guias que conduzem os visitantes todo o tempo, entre um local e outro, criam ali laços sociais, se relacionam com ambos os espaços e os conectam, levando notícias e pessoas de um lado a outro, além de movimentar a economia das hospedarias localizadas dentro do Parque.

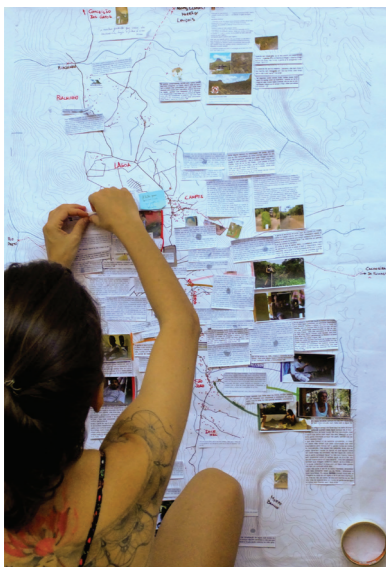
O processo de filmagem foi a base para o início de reflexões que só puderam ser assimiladas em um segundo momento, ao reassistir a todo o material fora do contexto e da interação, sem que estivesse imersa na experiência. A partir da identificação da questão comunitária, a ser investigada no âmbito deste trabalho, reassisti a todos os vídeos mais de uma vez, tomando notas das passagens que exprimiam memórias, conflitos e outras falas relevantes na esfera social e urbana, na busca pelo aprofundamento da questão.

A partir dos vídeos e dos variados documentos reunidos na primeira etapa dessa pesquisa, desenvolvi três montagens me baseando na ideia de cidade-montagem desenvolvida por Jacques. Segundo este método, por meio da ação de montagem-desmontagem-remontagem podemos fazer emergir questões complexas que não poderiam ser vislumbradas antes desse processo. Ao dispor lado a lado diferentes documentos – textos e imagens – que habitualmente não estariam reunidos, pretende-se obter um conhecimento da complexidade da cidade, expondo os seus conflitos.

Na primeira montagem, dispus no mapa do Vale do Capão os frames de cada um dos interlocutores sobre o local onde habitam. Em seguida, dispus também alguns documentos impressos que eu havia reunido antes do processo de filmagem, espacializando-os no mapa



primeira montagem



– notícias publicadas no Facebook com queixas dos moradores, anúncios de casas para aluguel de temporada, publicações sobre o Capão em jornais, fotos de placas com avisos aos visitantes, além de gráficos e tabelas com dados objetivos sobre o Capão.

Na segunda montagem, ainda trabalhando sobre o mapa, espacializei falas dos moradores, cartografando conflitos e memórias, além de ilustrações de histórias do livro “Fatos Criados e Contados do Vale do Capão”, da autoria de Nem, um dos moradores que participaram da filmagem em janeiro; e imagens de símbolos associados de alguma forma ao Vale do Capão – o Festival de Jazz, o Festival de Blues, o Circo do Capão, as associações Apea-ca e Acv-vc, as comunidades Lothlorien e Campina etc. Ao cartografar os documentos, buscava identificar onde acontecem as relações e os conflitos e se estes são bem localizados geograficamente, ou ainda investigar se havia alguma outra lógica espacial impensada que pudesse surgir nesse processo de montagem. Nesta segunda disposição, muitas das imagens e falas se aglomeraram na região da Vila, de forma que precisei partir para um mapa maior. Entendo com isso que a Vila se configura como um centro, onde se estabelece uma maior vitalidade da dinâmica social.

A terceira montagem foi feita com as falas dos moradores impressas e ordenadas na tentativa de construir um diálogo ficcional entre eles. Relacionei essas falas por temas maiores, buscando os conflitos ou confluências entre elas. As três composições foram montadas, desmontadas e remontadas diversas vezes, reforçando o caráter processual e investigativo desse método.

Durante os processos de montagem, pude observar que os interlocutores identificavam a si mesmos e aos outros em três grupos distintos: “nativos”, “as pessoas que vieram morar” e “as pessoas que estão vindo morar”. Houve portanto uma distinção temporal entre os moradores que nasceram no local, os “de fora” que já moravam ali há um certo tempo e aqueles que estão chegando no momento presente, os novos moradores. Essa noção de tempo usada para distinguir os três grupos será desenvolvida mais adiante.

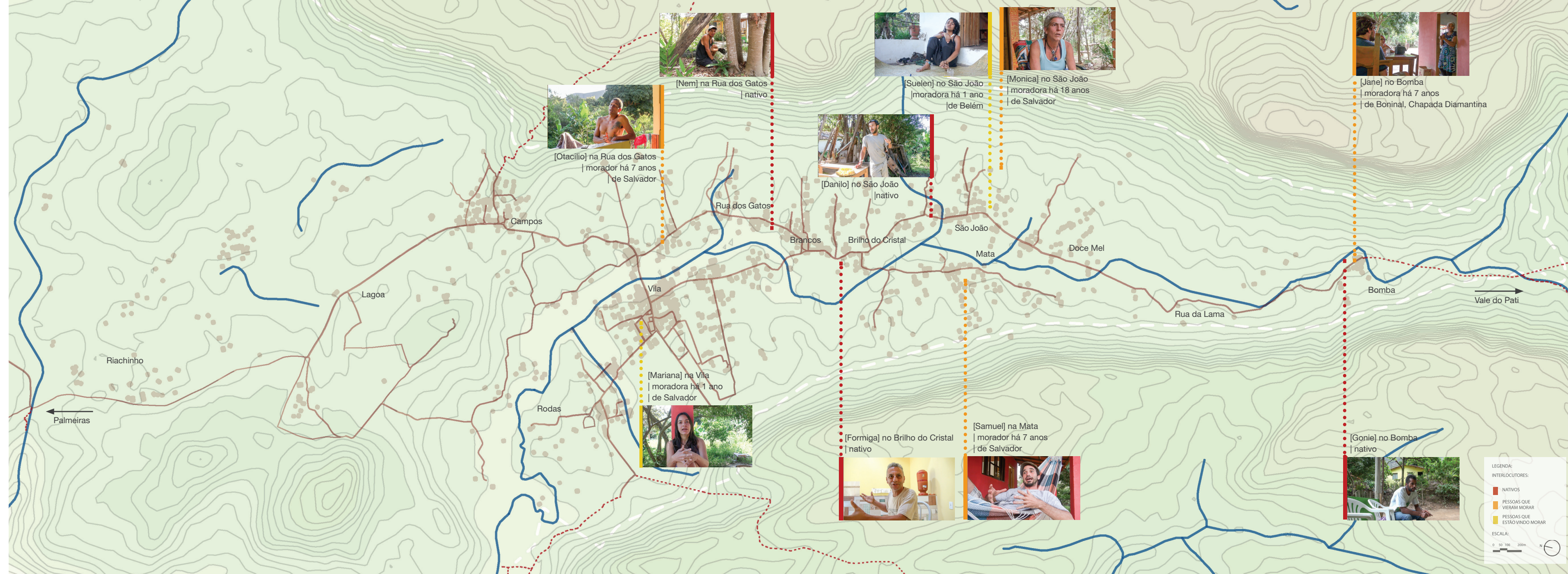
Também pareceu ser relevante o período de tempo em que cada um mora no Vale. Os que moram há apenas alguns anos fazem questão de dizer que frequentam o local há muito tempo. Os nativos afirmam sê-lo com orgulho, assegurando o seu pertencimento ao lugar - esse status é reforçado pelos outros dois grupos. O tempo de residência e o grau de coesão com a comunidade são fatores implícitos entre os moradores que validam a relação de pertencimento de cada um.

Com o objetivo de compreender as relações de pertencimento à comunidade, parti para a identificação dos atores influentes na construção daquele território. As categorias aqui definidas foram mencionadas nos vídeos e definidas a partir das falas dos próprios moradores durante as interlocuções. Em anexo, no final desse dossiê, encontra-se um documento com as falas que justificam as categorias aqui definidas.



segunda montagem

Mapa-Montagem - as pessoas no lugar das pessoas.
Os frames de cada um dos interlocutores dessa viagem
foram posicionados no mapa, indicando onde moram.





Identificação dos Atores

Nativos | São os moradores que nasceram no Vale do Capão.

[Danilo] no São João, nativo.

[Nem] na Rua dos Gatos, nativo.

[Formiga] no Brilho do Cristal, nativo.

[Gonie] no Bomba, nativo.

Pessoas que vieram morar | São os moradores vindos de outras cidades brasileiras ou estrangeiras e que se estabeleceram no Vale a partir da década de 1980. Essa noção de tempo para considerá-los como estabelecidos é subjetiva e relativa aos laços sociais e afetivos formados no local.

[Monica] no São João há 18 anos, de Salvador-BA.

[Jane] no Bomba há 7 anos. De Boninal-BA, cidade da Chapada Diamantina.

[Samuel] na Mata há 7 anos, de Salvador-BA.

[Otacílio] na Rua dos Gatos há 7 anos, de Salvador-BA.

Pessoas que estão vindo morar | São os moradores vindos de outras cidades brasileiras ou estrangeiras que fixaram residência nos últimos anos, junto a uma nova leva de habitantes. Em geral, as expressões “essas pessoas que estão vindo morar” e “esse povo que está chegando” foram usadas para distinguir os moradores recentes que não se envolvem nas questões comunitárias e não incorporam os hábitos locais de preservação e sustentabilidade.

Como a condição temporal que separa os que “vieram” do que “estão vindo” é subjetiva, a título de pesquisa considerei como “pessoas que estão vindo morar” aqueles interlocutores que se estabeleceram há menos de dois anos.

[Mariana] na Vila há um ano, de Salvador-BA.

[Suelem] no São João há um ano, de Belém-PA.

Comunidades Alternativas | São organizações sociais que, de uma maneira geral, pregam o cooperativismo, a agricultura orgânica e a vida sustentável em sintonia com a natureza, havendo diferentes formas de organização comunitária. No Capão se estabeleceram três comunidades: Lothlorien, fundada em 1984 como uma comunidade alternativa (BURGER, 2011), atualmente se auto define como “centro voltado para a espiritualidade, o crescimento pessoal e o respeito à natureza”¹; Comunidade Campina, fundada em 1991², é a mais afastada da Vila e promove a busca pela sustentabilidade e autossuficiência; e a Comunidade Rodas do Arco-Íris³, fundada em 1997, se desenvolveu como comunidade até 2005.

1. informações encontradas no site de Lothlorien Disponível em: <www.lothlorien.org.br>. Acesso em 10/11/2015;

2. informações encontradas no site oficial da Comunidade Campina. Disponível em: <www.comunidade-campina.org>. Acesso em 10/11/2015;

3. informações encontradas em reportagem gravada pela TV Salvador para o programa Bahia Terra Cultura e Gente. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=C1MVTlgH0sjk> Acesso em 10/11/2015

Veranistas | São aquelas pessoas que possuem casas no Vale do Capão, mas sua permanência nestas é imprevisível e inconstante. Utilizam-se dessas casas como local de férias, temporada ou as alugam para terceiros e têm uma residência principal em outra cidade.

Donos de pousada | São os proprietários dos hotéis, pousadas, albergues e campings do Vale do Capão. Em sua maioria são também moradores, com algumas poucas excessões de donos de pousada que moram em Salvador, fazem as reservas dos hospedes por telefone ou e-mail e permanecem no Capão apenas em determinadas épocas do ano para gerenciar sua hospedaria.

Turistas | São aquelas pessoas que se deslocam de seu lugar de origem para o Vale do Capão por motivos diversos, como lazer, descanso, atividades culturais, cursos etc, sem fixar residência. Sua presença é imprevisível e inconstante, mas ocorre principalmente nos períodos de alta estação, feriados e fins de semana.

Poder Público | São as entidades governamentais atuantes no Vale do Capão, representado pela Prefeitura Municipal de Palmeiras e pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA).

Associações | São organizações resultantes da reunião entre pessoas para realização de um objetivo comum. Durante as interlocuções foram citadas duas associações existentes no Vale do Capão: a Associação de Pais, Educadores e Agricultores de Caeté-Açu (APEA-CA), criada em 1996 e com sede na Vila - os mais de 200 associados se reúnem mensalmente para discutir diversas problemáticas relacionadas ao cotidiano no Vale do Capão; e a Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC), que possui sua sede na entrada da trilha da Cachoeira da Fumaça e reúne os guias que conduzem os visitantes às trilhas da região, além de organizar ações como a Brigada Voluntária do Vale do Capão (BV-VC) que combate os incêndios da região, trabalhos de resgate e mutirões de coleta de lixo.

Grande-mídia | São os principais veículos de comunicação social. Nas interlocuções foi mencionada a Rede Globo de televisão, que dedicou recentemente dois episódios do programa Globo Repórter à Chapada Diamantina, em parceria com a TV Bahia, afiliada da emissora no estado. A edição do programa veiculado em outubro de 2014 mostra o Vale do Pati e a edição de abril de 2015 exhibe o Vale do Capão, dentre outras localidades da Chapada Diamantina.

4. Girau de lixo é um suporte utilizado para manter o lixo em um patamar mais elevado que a rua, deixando-o afastado de animais;

5. Unha-de-gato é uma planta trepadeira que cresce em forma de cipó e possui espinhos recurvados como as unhas de gato;

6. Acero é uma limpeza do mato em uma determinada faixa larga de terra de forma a impedir que o fogo avance em caso de incêndio

As Comunidades do Capão

As falas dos moradores nos vídeos sugeriam a existência de um grupo consolidado por meio do uso constante do termo “a comunidade do Capão” e da dualidade presente em expressões como “a gente”, “nós”, “eles” e “essas pessoas”. Foram narrados diversos episódios de mutirões e trabalhos voluntários realizados pela comunidade – por “nós” e por “a gente” – para solucionar necessidades de infraestrutura local, como reforma na escola municipal e nas estradas de terra, a construção do Horto Vale Flora e da Escola Comunitária Brilho do Cristal, a reforma no prédio da antiga escola Rufino Rocha e da antiga ponte de madeira da Mata, a construção e as limpezas dos girais de lixo seco ⁴, a poda das unhas-de-gato ⁵ na beira das estradas, os aceros ⁶ na parte de cima da serra para barrar o fogo dos incêndios que ocorrem nos períodos de seca etc.

Segundo os interlocutores, os mutirões eram muito mais frequentes anos atrás e esse modelo vem se perdendo, embora ainda haja alguns exemplos atuais e inclusive iniciativas individuais. Além dos mutirões, houve várias conquistas alcançadas graças à ação política da Associação de Pais, Educadores e Agricultores de Caeté-Acu (APEA-CA), cujos integrantes se reúnem constantemente para discutir os mais diversos temas relativos ao Vale do Capão e, quando necessário, criam uma força de pressão exigindo intervenções da prefeitura de Palmeiras. A Associação de Condutores de Visitantes do Vale do Capão (ACV-VC) organiza a brigada voluntária de incêndio, formada por um grupo de moradores e visitantes que se arriscam nos combates aos incêndios recorrentes entre os meses de setembro e dezembro.

Segundo ESPOSITO (2012), “o primeiro significado que os dicionários registram do substantivo *communitas*, e do adjetivo correspondente *communis*, é, de fato, o que adquire sentido por oposição a ‘próprio’. Em todas as línguas neolatinas e apenas nelas, ‘comum’ (*commun*, *comune*, *common*, *kommun*) é o que não é próprio, que começa onde o próprio termina. (...) É o que concerne a mais de um, a muitos ou a todos e que portanto é ‘público’ em contraposição a ‘privado’, ou geral (mas também ‘coletivo’) em contraste com ‘particular’.”

O autor ainda aprofunda na complexidade semântica da terminação *munus*, que traz a ideia de ‘dever’: “O *munus* é a obrigação que se contraiu com o outro e requer uma adequada desobrigação. A gratidão que exige nova doação.” Segundo ele, “o sentido antigo, e provavelmente originário, de *communis*, devia ser ‘quem partilha uma carga (um cargo, um encargo)’. Portanto, *communitas* é o conjunto de pessoas as que unem, não uma ‘propriedade’, mas justamente um dever ou uma dívida.”

Essa idéia de comunidade, no sentido antigo da palavra, se expressaria no Vale do Capão nos episódios de mutirões e trabalhos voluntários narrados nos vídeos, nos quais há um circuito de doação recíproca. De acordo com esse conceito, a comunidade do Capão seria o conjunto de pessoas unidas pelo dever e que se doam em benefício do comum, e não poderia ser pensada como uma posseção, mas ao contrário, uma dívida, uma falta. Uma comunidade pensada dessa forma implicaria em se desfazer da ideia de propriedade.

O Vale do Capão era na década de 1980 um pequeno povoado com pouquíssimos habitantes. A prefeitura de Palmeiras sempre foi ausente, de modo que a população precisava

se responsabilizar ela própria pelas intervenções de infraestrutura que necessitava, como é ainda a realidade de muitos pequenos povoados no interior da Bahia e inclusive de outros próximos ao Capão. Com a chegada de novos moradores, alguns deles organizados em comunidades alternativas, este *modus operandi* se manteve e foi reforçado, pois foi um desejo desses novos habitantes se unirem e conquistar a aceitação da população local. Trouxeram também novas práticas como a separação do lixo reciclável e reforçaram hábitos já existentes, como o uso de ervas naturais, os chamados “remédios do mato”, por meio, principalmente, do médico naturalista Áureo Augusto, cofundador da comunidade Lothlorien (BURGER, 2011).

Enquanto havia poucos moradores e todos se conheciam, esse modo de organização se mantinha por haver um sentimento de vizinhança muito presente. Com o crescimento do turismo, a presença do poder público não foi efetivada na mesma medida que aumentaram as demandas de infraestrutura. Ao mesmo tempo, os moradores passaram a investir boa parte de seu tempo no comércio e em outras atividades ligadas ao turismo, se dedicando cada vez menos ao voluntariado. Foram instaladas, também, muitas pousadas e casas de temporada gerando maiores demandas de infraestrutura como a manutenção da estrada, distribuição de energia elétrica e água, e esgotamento sanitário.

“A comunidade teve condições e fez lá atrás (no passado), quando era pouca gente, quando as pessoas se doavam mais, quanto tava mais junto. Mas hoje tem resort sendo contruído no Capão, pousadas grandes, mansões de dois, três milhões (de reais), sabe? (...) A gente não vai ficar fazendo mutirão para

melhorar o acesso para um resort que o cara gastou milhões lá. Antigamente a gente fazia mutirão pra podar as unhas-de-gato pra dona Joaquina passar e não arranhar o braço.” Carlos Formiga

Com o crescimento populacional e econômico, o modelo autossustentável e comunitário está enfraquecendo, sendo cada vez maior a necessidade de um planejamento efetivo. Mas a prefeitura de Palmeiras sequer arrecada tributos no Capão e possui uma renda ínfima, realizando pequenas intervenções graças às exigências dos moradores do Capão, organizados por meio da APEA-CA. Essas intervenções são geralmente feitas em acordo com a população, que oferece uma contrapartida, como a exemplo do calçamento de alguns trechos da estrada, em que a prefeitura forneceu o maquinário e o material enquanto a população entrou com a mão de obra. Até mesmo o plano diretor participativo para o município de Palmeiras, que foi iniciado durante a gestão anterior da Prefeitura - do Prefeito Marcos Venícius Santos Teles, do partido PL -, só foi possível graças à colaboração de um grande grupo de voluntários, todos eles do Vale do Capão. No momento em que foi necessário um investimento por parte da prefeitura para dar continuidade ao processo, o plano diretor parou e permanece inconcluso até o final deste trabalho, em novembro de 2015.

A gestão da água na comunidade exemplifica bem a falência do sistema comunitário. No Vale do Capão, os canos de água são administrados por determinadas pessoas em cada bairro, sendo este um trabalho voluntário. Desde o início da povoação do Vale, os moradores subiam a serra e instalavam um cano em uma nascente ou córrego, garantindo a pressão por meio da gravidade para que a água chegasse nas casas. Ainda hoje há um responsável

por fazer a manutenção, e não é incomum que uma ligação entre os canos se rompa após uma chuva ou que algum objeto bloqueie o fluxo de água, devendo este voluntário subir a serra para fazer o reparo. É curioso observar que, em cada bairro, o cano principal recebe um nome de acordo com o seu responsável, como “o cano de Jorge” ou “o cano de João”. Cada novo morador que constrói sua casa faz uma nova bifurcação no cano antigo, e com a chegada de cada vez mais pessoas as ligações são tantas que o cano principal perde a pressão, acarretando na falta de água para alguns.

“Ainda tem alguns abnegados aí que cuidam, administram e arrumam os canos de água. Porque a água aqui ninguém paga, né? (...) E tem ‘n’ problemas. Falta água em um monte de lugar, tem vazamento em tudo quanto é lugar, os canos estão tudo no lugar errado porque foi feito para uma população e a população hoje é muito maior. (...) E tem algumas pessoas em determinados bairros que é quem dá manutenção nisso, mas isso é voluntário.

E às vezes chega uma pessoa que aluga uma casa, um urbanoide desse aí, ou tá numa pousada e fala ‘como não tem água?’. Só que ele não sabe de onde vem a água, ele não paga água e ele ainda reclama porque não chegou água. Só que nossa história aqui é diferente. Não chegou água inclusive por culpa dele mesmo, que são as pessoas que tão chegando e que não tão imbuídas nessa história. E por culpa claramente do poder público porque água é um serviço essencial que teria de estar sendo bem administrado e bem distribuído pra todo mundo.” Carlos Formiga

Há um segundo aspecto que parece ligar esses sujeitos em comunidade que está relacionado à sensação de insegurança proveniente das mudanças que estão acontecendo no Capão com a chegada de novos moradores. A perda de controle e a sensação de futuro incerto os impulsiona à proteção de se unirem em comunidade aparentemente – e apenas aparentemente – coesa e consensual. Nesse sentido, a comunidade se põe rodeada por um limite que a protege na mesma medida que a isola. Afinal, se há um grupo bem definido que compartilha de um território e de ideias comuns, está implícita uma noção de pertencimento e de propriedade e consequentemente impõe-se uma exterioridade e um não pertencimento.

Essa noção de exclusão e segregação em uma comunidade é paradoxal. A comunidade se fecha em si mesma, separada de seu exterior e daquilo que não é considerado como positivo para aqueles que participam dela, como resposta a um desejo de proteção, o que rompe com a ideia originária de viver em comum, que não comporta a noção de propriedade.

Seguem abaixo as falas presentes nos vídeos que identificam essas dimensões do comunitário – pertencimento e não pertencimento, união e segregação, comum e próprio, participação e apropriação – que apesar de contraditórias entre si, se complementam, trazendo um entendimento mais complexo do que seria essa comunidade. Dividi essas falas em quatro “tipos” de comunitário que intitulei como pertencimento, não pertencimento, participativo e fechamento. Cada uma das falas está identificada com uma cor relacionada ao ator social ao qual o seu interlocutor está ligado, de forma a revelar quem está falando de quem em cada trecho.



A COMUNIDADE | A GENTE | PERTENCIMENTO

interlocutores:

nativo

peessoas que
vieram morar

peessoas que
estão vindo morar

“**a gente** vai tentar alargar a estrada... eu vou ceder (um pedaço da terra) lá em baixo, o meu vizinho ali, que eu já conversei com ele, vai ceder... mas já pensando nisso existe dois metros de terra desse pedaço aqui do Lothlorien até o Brilho que é da estrada, tá lá a cerca público e notório pra todo mundo aqui.” (Formiga)

“a galera é bem resistente mesmo... **a gente** faz, e quando a coisa não tá legal mesmo a galera aqui é guerreira... vai lá e bota a boca mesmo., briga, não espera tudo pela prefeitura. a estrada tá mal a galera às vezes ajaíta.” (Danilo)

“**a gente** tá tentando se juntar aqui, tá rolando um movimento no Capão que eu acho legal, necessário agora, a comunidade se juntando pra calçar pedaços do corredor, porque a poeira tá insuportável. ali como é que tá sendo feito... a prefeitura entra com os paralelos, com a areia e com o maquinário, trator, caçamba, carro pipa... e a comunidade entra com o pagamento de cimento e da mão de obra da empresa que faz.” (Formiga)

“o que **a gente** batalhou pra melhorar, claro... a escola não tinha muro, não tinha banheiro, não tinha sala adequada, tinha uma calha que sempre entupia... a escola tinha um monte de problemas! então fomos conseguindo essas coisas pouco a pouco, até que conseguimos uma ajuda do IBS (instituto brasil solidário) que aí forçou a prefeitura a fazer a parte que é da contraproposta. o IBS ajuda se a prefeitura fizer a parte dela de construção do espaço para o que eles vem aplicar. então todas essas coisas **nós** conseguimos.” (Monica)

“então o pessoal nativo ficou muito com o pé atrás com essa galera que vinha com boas intenções e se fecharam... eu acho que eu sou assim bem aceito e considerado como alguém bom pra **comunidade** porque foram 4 anos e meio (como oficial de justiça)... mas se realmente você não fizer aquilo que você acredita todos os dias, todas as horas, os nativos vão ficar como pé atrás pra você, porque até aonde você é mais um que tá aqui pra explorar?” (Otacilio)

“eu acho que a maioria das pessoas chegaram pra somar. algum, um ou outro, isso é normal em qualquer coisa, que cê sabe... sempre tem um pra diminuir, pra chegar e tirar. só que eu acho que muitas dessas pessoas deveriam ser mais empenhados com **a comunidade**, sabe? ver ali, ser mais unido... antes era mais unido porque todo mundo se conhecia, né? todo mundo sabia das necessidades.”(Nem)

“antes **a gente** fazia muita coisa voluntariamente. a gente se juntava e fazia muitas coisas. e hoje, porque tá todo mundo tendo que correr atrás da sua história, da sua coisa e esqueceram um pouco isso. antes **a gente** fazia mutirão com 40, 50 pessoas e hoje a gente nota que na prática isso não acontece... são pouquíssimas atitudes das pessoas. antes era uma coisa, sabe? quando tinha um mutirão quem tava afim já sabia ‘é na casa de fulano’, ‘é no bairro tal’, iam... e hoje você não vê.” (Formiga)

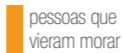


A COMUNIDADE | ELES | NÃO PERTENCIMENTO

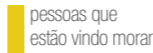
interlocutores:



nativo



peessoas que
vieram morar



peessoas que
estão vindo morar

“quando sai na Globo uma parada dessa, aí vem pra cá gregos, troianos e baianos, sabe? vem gente de tudo quanto é tipo! enquanto era uma coisa natural que você saía daqui e fazia uma propaganda lá pros seus amigos, que são seus amigos, pensam como você em preservação... aí vinham pessoas pra cá desse naipe. quando sai na Globo vem gente de tudo que é tipo! e os tipos que tem grana pra vir pra cá, porque a vida aqui é cara, são essas pessoas que não tão nem aí... gente que mistura o lixo pra jogar no girau (de lixo seco), sabe? gente que vem pro paraíso de carro, sabe? é gente que não tá nem aí com nada não! e aí o problema maior da propaganda em mídia nacional é que vem gente que não tem nada a ver.” (Formiga)

“quem organiza esses festivais às vezes são pessoas que nem moram aqui... tem terreno, mas não moram aqui, ficam um bom tempo em Salvador. por exemplo, o festival de jazz... e às vezes eles contratam bandas do estilo deles né? mas o estilo da maioria das pessoas que são fixas, não agrada muito. o pessoal não gosta muito.” (Nem)

“geralmente vem muita gente pra cá depois desses festivais. ano pasado mesmo, com o universo paralelo, veio uma tropa, uma tropa... que os nativos tavam até expulsando. os nativos tavam botando pra fora já, a galera tava desrespeitando, tava querendo fumar em qualquer lugar, entendeu?” (Suelen)

“o turista que vem, o cara que tá construindo a casa de veraneio aqui, ele não tá nem aí não! ele quer que a rua dele esteja calçada, mas ele não tá aqui afim de participar do movimento... ele faz um reservatório de 20 mil litros de água e quando ele volta, ele quer que esteja cheio pra ele usar.” (Formiga)

“se eu venho de fora e vou querer uma garantia de água boa, caso aqui diminua a água, eu vou ter que pensar numa possibilidade alternativa de captação. aí o cara chega de Salvador cheio de direitos ‘ah, mas eu comprei, tô no meu direito...’ então eu acho que muitos problemas existem porque não levam em consideração a postura das pessoas que estão aqui... que tipo de crença eu trago em mim pra crer que eu não vou dançar coforme a musica?” (Otacilio)

“mas eu acho que talvez um dos maiores problemas relacionados a isso no Capão hoje são as pessoas que estão morando no Capão. hoje em dia o Capão tem muito mais gente do que antes. além de turistas que vem periodicamente nesses feriados longos, tem mais moradores... e tem muita gente que é gente da cidade que tá acostumado a pagar a água e ter água na torneira, a pagar energia e ter energia, sabe? tá acostumado a pagar, pagar. não tá acostumado a trabalhar assim.” (Formiga)

“tinha alguns tópicos na associação (de guias, ACV-VC) que eu não concordava, eu tinha minhas ideias né, de que não é qualquer pessoa que pode chegar na associação e sair guiando... não é porque você chegou no Capão, você vai ali no Rio Preto... você passa a morar aqui aí você vai no Rio Preto, vai na Fumaça... só porque você conheceo local, você tá ali a cinco meses, você pode ser guia. não é assim que funciona. quando eu tinha nove anos eu já subia essas serras tudinho pegando candombá pra vender.” (Nem)

“hoje em dia certas posturas e hábitos urbanóides de Salvador invade aqui e só não é pior porque só tem uma entrada e uma saída.” (Otacilio)



A COMUNIDADE | PARTICIPAÇÃO

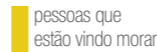
interlocutores:



nativo



peessoas que
vieram morar



peessoas que
estão vindo morar

“a gente já teve mutirão pra criar e pra fazer e pra limpar a área e pra construir o Horto Vale Flora... mutirão pra restaurar a escola mais antiga do Capão, o Rufino Rocha... mutirão pra fazer e dar manutenção na ponte, que era a ponte de madeira da Mata...” (Formiga)

“esse sistema (de canalização de água) que existe do Bomba pra cá, é porque alguém candidato a não sei o que ofereceu os canos e a população colocou na mão grossa... essa represa que tinha aqui na minha terra foi pedida por um vereador, pra solucionar o problema da população, mas foi feita na mão grande também. voluntários!” (Monica)

“o nativo, ele tava aqui eram poucas pessoas, então o cara subia a serra, metia o cano lá e trazia o cano... a água de Seu Dai vem daqui da Serra, de Jorge. é o cano de Jorge que leva água pra Seu Dai... que é uma nascente que não seca né?” (Otacilio)

“por exemplo... mutirão pra fazer os aceros de cima da serra pro fogo não entrar, porque antigamente o fogo entrava pelos gerais... acero é uma área aberta de mais ou menos cinco, seis metros, uma linha reta, né, pro fogo não ultrapassar... as pessoas colocavam fogo lá nos gerais pro capim queimar e brotar e ter pasto de novo pra ele. só que o fogo, eles colocavam aleatoriamente, o fogo vinha e descia pra cá. a gente fez isso por 5 mil metros na serra. então tinha lá vinte homens trabalhando lá em cima na serra fazendo acero e as mulheres estavam na casa de alguém fazendo o rango. como é que era esse rango? esse rango era doado pelos comerciantes, por pessoas que não podiam estar lá, então doavam comida, arroz, feijão, verdura, fruta...” (Formiga)

“quando era mutirão que tinha necessidade de alguma grana, quem podia entrava com algum material, madeira, cimento. quem não podia dava alguma força pra comprar rango, comida. mas era assim, cada um fazia uma parte.” (Formiga)

“quando tem incêndio, eu te falo assim por experiência própria... a gente é os primeiros a chegar. o ibama chega depois de duas, três horas... a gente já tá apagando o fogo e ele chega.” (Nem)

“tem uns 4 caminhão de madeira mais ou menos que foi apreendido... eu fui até lá falar com ele (responsável do Icm-bio) pra me dar uma madeira pra eu fazer uns bancos pra colocar na praça do Capão. ele disse que assim é possível, que é benefício público, pra fazer uma carta pra associação de moradores assinar... é pouco, só dois troncos, vamos ver se eles vão liberar a madeira. porque assim, eu já vou entrar com a mão de obra, fazer tudo, entregar, deixar pronto... porque eu fazendo isso aí o outro também talvez já se toque, ‘pô, vou cuidar desse jardim aqui?... então o outro faz uma coisa, o outro faz outra e aí enfim, muda um pouco a cara da praça” (Danilo)

“o girau do lixo tá sujo em baixo. os caras da prefeitura quando vem, quando eles tem uma demanda muito grande de lixo, eles pegam só o que tá em cima do girau e fica tudo sujo em baixo. então antigamente a gente fazia esse mutirão. eu já falei até pra minhas filhas ‘ó, a gente vai tirar um dia da semana que a gente vai pegar uma manhã ou uma tarde... um dia a gente vai sair e vai limpando. independente de formar um grupo, de chamar cinquenta pessoas, de chamar dez. vamos lá, quem querer vir vem! é assim que a gente talvez possa voltar a fazer as coisas... a se doar um pouquinho né? porque a partir do momento que você está fazendo alguma coisa e essa coisa é legal e é comunitária aí com certeza você vai influenciar mais gente.” (Formiga)



A COMUNIDADE | PROTEÇÃO

interlocutores:

nativo

peessoas que
vieram morar

peessoas que
estão vindo morar

“eu quando trabalhava na prefeitura brigava por um portal, um pedágio que os carros parassem em Palmeiras, parassem na entrada do Capão. agora isso é muito relativo, porque hoje de cem por cento da comunidade do Capão, noventa e alguma coisa por cento vive exclusivamente ligada ao turismo, direta ou indiretamente.... e essas pessoas que vem de carro, que vem pra cá, são elas que trazem grana pra cá. então a gente tem que tentar ver como é que vê um meio termo aí.” (Formiga)

“estão vindo investidores agora com maior potencial. estão vindo casas luxuosas onde isso nunca existiu... cara, se vai chegar esse tipo de comportamento, esses tipos de pessoas que vem com essa visão, a gente tem que criar realmente um sistema pra defender o próprio lugar.” (Samuel)

“o Capão, imagine... chegou esse tanto de gente aí com a estrada do jeito que é, os carros tudo arrastando aí, pegando... imagine se fosse asfalto, triplicava!” (Danilo)

“a comunidade teve condições e fez lá atrás quando era pouca gente, quando as pessoas se doavam mais, quando tava mais junto. mas hoje tá tendo resort construído no Capão, pousadas grandes, mansões de dois, três milhões... a água dessas pessoas ela tem que ser paga, sabe? porque a água é um bem comum mas ela tá gerando recurso. não dá pra joaquim, pedro, manuel chegar lá e falar. quem tem que fazer isso é o poder público, seja ele um órgão municipal ou estadual. chegar e falar ‘daqui pra frente vai ser assim’ e aí essas pessoas serem enquadradas porque a coisa não é mais comunitária, não é mais do jeito que era.” (Formiga)

“em breve a gente vai tá querendo fazer um receptivo pro Riachinho pra ter um controle também do que é que desce, do que não pode. tem pessoal descendo com cachorro, com bebida, churrasqueira... então em breve a gente tá querendo fazer um receptivozinho ali pra orientar o pessoal.” (Samuel)

“o pessoal fala assim: ‘ah, não conserta a estrada mais porque vai vir as pessoas com aqueles ônibus cheio de gente de fora... o pessoal jogando latinha nas estradas.’ mas pô, não vem desse jeito? não vem com os carros pequenos, sabe? se não vem agora que a estrada está boa, não vem do mesmo jeito aquelas pessoas?” (Nem)

“então é muito doido quando você vai num lugar e quer levar a sua cultura, não quer aproveitar aquela que tá lá. o reizado aqui tá quase acabando, esse ano teve quatro músicos, já teve vinte. mas aí o menino vem de Salvador e traz quatro mil pessoas. pô, não cabe! não tem hospedagem pra quatro mil pessoas, não tem fossas pra isso, não tem esgotamento sanitário na praça.” (Monica, se referindo ao Festival de Jazz do Capão)

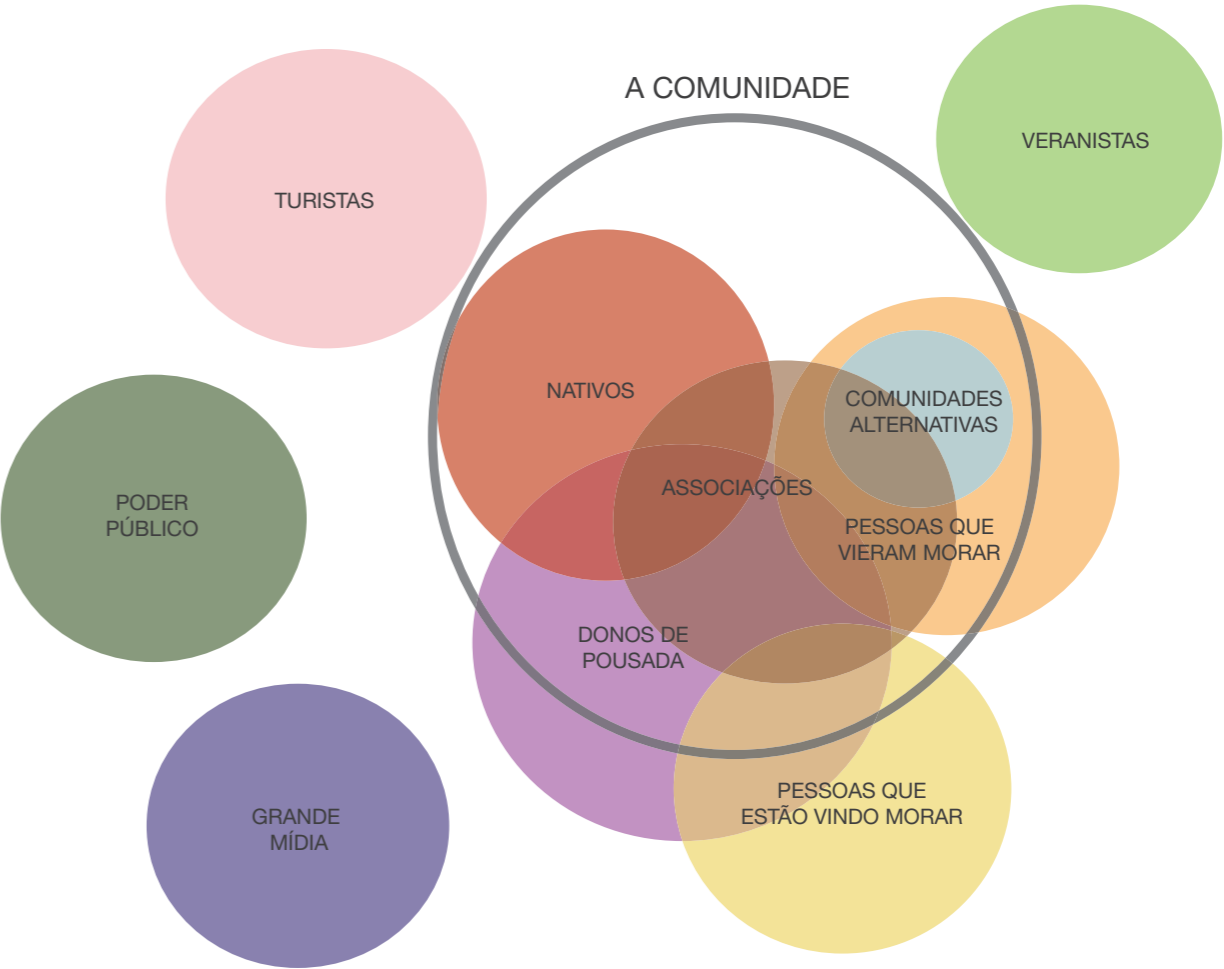
“lá na Vila tem aquela plaquinha, né, que fala... tipo assim, as pessoas que vem pra cá que tem que se adequar ao meio né, não o contrário... tem que respeitar os costumes daqui né? não pode ser assim vir e fazer o que quiser” (Suelen)

Diagrama das relações de pertencimento

Ao considerarmos que esta comunidade está inserida em uma totalidade, há uma condição de pertencimento a essa comunidade - uma noção de inclusão em uma determinada identidade - e, por consequência, de exterioridade e não pertencimento. Portanto, para compreender que comunidade é essa a qual todos se referem, é preciso compreender sua extensão, e logo seu limite e sua exterioridade.

A partir da identificação dos atores influentes na configuração social do Vale do Capão, parti para o desenvolvimento de um diagrama que me permitisse compreender quais são aqueles que de fato pertencem a essa comunidade e quais os que são externos a ela. Para a elaboração do diagrama, me baseei mais uma vez nos vídeos e no que declararam os moradores. É importante esclarecer que os níveis de pertencimento não são fixos e estáveis; ao contrário, são maleáveis e movediços, uma vez que alguns atores desempenham ao mesmo tempo diferentes papéis a depender da situação e dos interesses que defendem.

Os nativos estão inteiramente contidos na comunidade, visto que, pela lógica temporal estabelecida pelos próprios moradores, são eles os que possuem um vínculo mais estável com o território, pois o ocupam há mais tempo. Pelo mesmo critério temporal, segue-se uma relação de pertencimento um pouco menos estável para as “pessoas que vieram morar”, que estão em sua maioria contidas na comunidade mas não pode-se dizer que totalmente, já que essa relação dependeria também dos laços sociais estabelecidos e da sua participação nas ações comunitárias. Na sequência, as “pessoas que estão vindo morar” possuem pouco



Esquema das relações de pertencimento dos atores sociais à comunidade (pagina seguinte) >>

tempo de residência, ainda estão estabelecendo suas relações sociais e, segundo o que foi dito nas interlocuções, em sua maioria não participam ativamente das ações comunitárias.

As comunidades alternativas estão contidas no grupo das “pessoas que vieram morar” e são pertencentes à Comunidade do Vale do Capão, uma vez que se estabeleceram há muitos anos e a própria noção do Capão como uma única comunidade está atrelada ao processo de inserção dessas comunidades alternativas neste território e à relação estabelecida entre elas e os nativos. As associações englobam parte de cada um dos grupos de moradores: nativos, pessoas que vieram morar, pessoas que estão vindo morar, comunidades alternativas e donos de pousada e estão completamente inseridas na comunidade, visto que aquelas pessoas pertencentes a qualquer um dos grupos que participam também de uma das associações, em tese estão envolvidos diretamente nas questões que visam um benefício comum.

Os donos de pousada são, em sua maioria, também moradores, havendo algumas poucas exceções de donos de pousada que moram boa parte do ano em Salvador e administram suas pousadas de longe. Dentre os que residem, alguns são nativos, outros “vieram morar” e se estabeleceram há mais tempo e outros “estão vindo morar” ou chegaram no Capão e construíram suas pousadas há poucos anos. Dentre estes últimos que moram há poucos anos, os que participam efetivamente das ações comunitárias podem por ventura pertencer à comunidade, como podem também estar fora desta a depender certamente dos interesses que defendem.

Os turistas e veranistas estão fora deste círculo comunitário, dado que, pelo critério temporal,

não possuem nenhum período em que estiveram de fato estabelecidos nesse território. Mas muitas das pessoas contidas nesses grupos possuem laços sociais e portanto se aproximam da Comunidade, tocando o seu limite. Alguns turistas e provavelmente todos os veranistas frequentam o Capão com assiduidade e tem relações com aquele espaço e com os moradores.

Já o Estado, representado aqui pela Prefeitura de Palmeiras e pelo IBAMA, se distancia da comunidade ao permanecer alheio a ela, embora mantenha um grau de relação com os grupos. A grande mídia vende uma imagem espetacular do Vale do Capão, distanciada da realidade cotidiana, presumivelmente por interesses políticos e econômicos totalmente externos a ela e estão certamente fora da Comunidade.

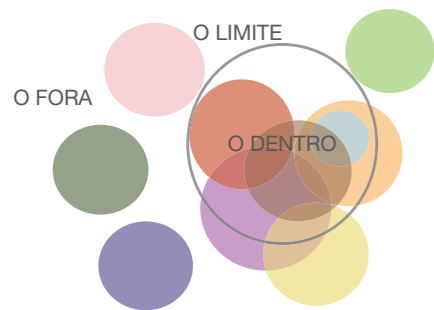
Vídeo-Montagem

A montagem final em vídeo é o resultado da investigação guiada pela questão central deste trabalho: o comunitário. No decorrer do processo de análise foi reunida uma série de recortes de vídeos, trechos em que os interlocutores forneceram pistas para problematizar a questão. Estes recortes foram montados-desmontados-remontados, baseando-se no conceito de Cidade-Montagem¹, e confrontados com os documentos, mapas e imagens acumulados durante a pesquisa, fazendo emergir neste processo novas compreensões sobre o Vale do Capão.

O produto final da Vídeo-Montagem foi resultado do processo de construção de diálogos entre os atores filmados e expressa um pensamento desenvolvido no âmbito dessa pesquisa. Esses diálogos exprimem os consensos e dissensos, revelando tanto as interações e trocas presentes quanto os conflitos e disputas.

O primeiro dos diálogos, “o dentro”, manifesta a comunidade do consenso, que se une pela partilha de um dever e estabelece um circuito de colaboração recíproca. Ela se expressa nas narrativas dos trabalhos voluntários e nos mutirões realizados pela população e constrói um sentido de pertencimento e coesão, por meio de expressões como “a gente”, “nós” e “a comunidade”.

1. Cidade-Montagem foi o tema do ateliê de projeto 5, coordenado em 2013 por Paola Berenstein Jacques e Eduardo Rocha. Foi citado na página x deste trabalho. Referência em JACQUES, 2006.



Esquema das relações de pertencimento dos atores sociais à comunidade, representando "o dentro", "o limite" e "o fora".

O segundo diálogo, “o limite”, desconstrói a ideia de consenso, evidenciando os conflitos e disputas. Tensiona a comunidade e a coloca em questão, ao desestabilizar o limite entre dentro e fora, entre pertencimento e não pertencimento. Pode-se questionar se existe de fato uma só comunidade coesa e consensual ou várias diferentes comunidades.

O terceiro traz “o fora” e revela o que é externo à comunidade: o turismo e o que ele traz como consequências negativas, a especulação imobiliária, a publicidade em mídia nacional. Neste terceiro diálogo está implícita novamente uma noção de comunidade, mas agora reunida pela insegurança e medo de perder o controle do que lhes é comum. Esta comunidade é paradoxal, pois comporta a noção de propriedade ligada a ideia de “comum”.

Cada um dos três diálogos é precedido por uma montagem de pequenas telas simultâneas, que abrem os discursos que aparecerão na sequência: o dentro, o limite e o fora. Essas multi-telas introduzem os personagens e a multiplicidade de imagens e falas revelando a construção de um discurso heterogêneo e plural.

A composição de telas que precede o terceiro diálogo – “o fora” – incorpora o vídeo da reportagem sobre o Vale do Capão, realizada pelo programa Globo Repórter em abril de 2015. A TV Globo surge no terceiro diálogo por representar a Grande Mídia, ator social colocado “fora” da comunidade, mas também relevante na construção desse território. A reportagem jornalística traz uma imagem desencarnada e espetacular, com registros rápidos e superficiais e um comentário autoritário em voz off, reproduzindo uma visão “de longe e de fora”.

O vídeo, através do exercício da montagem, busca um contraponto com as imagens espetaculares veiculadas nas publicidades divulgadas na internet e na televisão. Nele, o Capão é representado a partir das pessoas, mostrando as suas casas ou locais de trabalho – caso de Danilo, que aparece na oficina Canjerana, no quintal de sua casa; e de Nem, que é filmado no Mirante Café, onde trabalha como jardineiro para esta pousada.

“Um conteúdo não deve ser analisado apenas de maneira isolada, pois é indissociável da maneira pela qual é expresso. O discurso do documentário ou de qualquer outra forma de expressão audiovisual, pelo qual é apresentado seu ponto de vista sobre o tema abordado, não é apenas o que é dito e mostrado, inclui também as articulações entre o que é dito e mostrado.” (SILVANA, 2011)

As imagens que abrem o vídeo foram gravadas nos mesmos locais onde os interlocutores foram filmados. O quintal com uma toalha pendurada no varal é na casa de Mariana, na vila; a segunda imagem é uma vista da Vila do Capão a partir do Mirante Café, localizado nos Campos, onde trabalha Nem; as imagens seguintes de uma pequena igreja e da venda de pastel foram gravadas no Bomba, perto da casa de Gonie ². As cenas onde não figuram pessoas são acompanhadas pelas vozes de três personagens, Mariana, Suelen e Samuel (nesta ordem), que contam suas experiências de encantamento pelo Vale do Capão, revelando o que as atraíram para morar naquele lugar.

Há uma informalidade presente nas imagens, filmadas em sua maioria com câmera na mão,

2. Gonie e Jane, moradores do Bomba, não aparecem no vídeo final porque não autorizaram o uso de sua imagem.

sem tripé – que foi usado apenas quando havia já uma convivência maior com a pessoa filmada, uma naturalidade decorrente do maior tempo de convívio durante o processo. A equipe reduzida – apenas eu e mais um assistente – me obrigou a manipular a câmera ao mesmo tempo em que desenvolvia uma conversa, desprivilegiando o enquadramento, o que foi também uma escolha.

É importante ressaltar que a questão do comunitário, levantada por meio dessa pesquisa, nunca me foi evidente mesmo havendo frequentado o Capão há mais dez anos. Foi necessária a busca do estranhamento e de um olhar distanciado para poder assimilar questões mais sutis e subjetivas.

A Vídeo-Montagem, que nomeei como “Comunidades do Capão”, expressa um pensamento desenvolvido no âmbito dessa pesquisa. É preciso enfatizar que o produto final não representa uma verdade, sendo mais uma representação do Capão, uma leitura do real. Portanto, constrói um discurso que não é neutro, mas narra uma experiência e um ponto de vista.

Referências

BRITO, Francisco Emanuel Matos. Os ecos contraditórios do turismo na Chapada Diamantina. Salvador: EDUFBA, 2005. 418 p.

BURGER, Miklos. Lothlorien, centro de cura e crescimento. In: O Buscador, histórias verídicas: autoconhecimento e espiritualidade. Salvador: JM gráfica e editora, 2011. p. 104-127.

ESPOSITO, Roberto. Nada en común. In: Communitas: origen y destino de la comunidad. 1. ed. Buenos Aires: Amorrortu, 2012. p. 21 – 49

JACQUES, Paola Berenstein. Montagem Urbana. In: Corpocidade 4: Experiências de Apreensão da Cidade, 2014, Salvador. Caderno de Articulações. Salvador:UFBA, 2014. p. 176-177.

JACQUES, Paola Berenstein. Elogio aos errantes: a arte de se perder na cidade. In: Jeudy, H. P. E JACQUES, P. B (org). Corpos e Cenários Urbanos. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 117-139

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11 - 29, jun 2002.

OLIVIERI, Silvana. Quando o cinema vira urbanismo: o documentário como ferramenta de abordagem da cidade. Salvador: EDUFBA, 2011. 252 p.

OLIVIERI, Silvana. A cidade nos documentários. Rua – Revista de Urbanismo e Arquitetura, Salvador, v. 1, n. 10, julho/dezembro de 2006. p. 84 – 95

PUCCINI, Sergio. Introdução ao roteiro no documentário. In: Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção. Papirus, 2009

RODRIGUES, Hiandra; MEDRADO, Maria; MORAES, Vitória. Diagnóstico Socioambiental do Vale do Capão. Palmeiras-BA, 2014. Equipe Técnica do Projeto Sustentabilidade em Ação: Educação Ambiental e Políticas Públicas de Saneamento. 142 p.

Sites consultados

LOTHLORIEN. Disponível em: <<http://www.lothlorien.org.br>> acesso em 10/11/2015

COMUNIDADE CAMPINA. Disponível em: <<http://www.comunidadecampina.org>> acesso em 10/11/2015

Vídeo: Atlas. Entrevista com Didi-Huberman Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WwVMni3b2Zo>> acesso em 14/11/2015

Disciplina Seminário Representer et Fabriquer, coodenada por Alesia de Biase e Jacques Vasseur na École Nationale Supérieure d'Architecture Paris-Balleville no ano letivo 2010-2011. Disponível em: <<https://representerfabriquer.wordpress.com>> acesso em 18/11/2015

Identificação dos atores sociais a partir das interlocuções

Atores:

| | | | | |
|---|---|--|--|---|
| <div></div> <div>NATIVOS</div> | <div></div> <div>PESSOAS QUE VIERAM MORAR</div> | <div></div> <div>PESSOAS QUE ESTÃO VINDO MORAR</div> | <div></div> <div>TURISTAS</div> | <div></div> <div>VERANISTAS</div> |
| <div></div> <div>DONOS DE POUSADA</div> | <div></div> <div>COMUNIDADES ALTERNATIVAS</div> | <div></div> <div>ASSOCIAÇÕES</div> | <div></div> <div>PODER PÚBLICO</div> | <div></div> <div>GRANDE MÍDIA</div> |

Interlocutores:

| | | |
|--|---|--|
| <div></div> <div>NATIVOS</div> | <div></div> <div>PESSOAS QUE VIERAM MORAR</div> | <div></div> <div>PESSOAS QUE ESTÃO VINDO MORAR</div> |
| <div></div> <div>[Nem], nos Gatos</div> | <div></div> <div>[Jne], no Bomba</div> | <div></div> <div>[Slm], no São João</div> |
| <div></div> <div>[Gne], no Bomba</div> | <div></div> <div>[Mnc], no São João</div> | <div></div> <div>[Mri], na Vila</div> |
| <div></div> <div>[Dnl], no São João</div> | <div></div> <div>[Smu], na Mata</div> | |
| <div></div> <div>[Fmg], no Brilho do Cristal</div> | <div></div> <div>[Otc], nos Gatos</div> | |

NATIVOS

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Dnl] “na Vila do Capão tem 12 anos o primeiro calçamento, que fizeram em duas vezes, em duas etapas... fizeram da ponte da Vila até um pouquinho depois da casa de Dona Beli... a galera desce ali a milhão! a milhão mesmo... **nativo, nativo mesmo**. porque a estrada é toda ruim né? o único pedaço de calçamento é aquele. o cara aprendendo a andar de moto, aí o ego, ele quer mostrar, né? ele desce ali ‘vuuum’. 12 anos depois colocaram um quebra mola.”

[Slm] “aqui mesmo no Capão tem uns **nativos** que são muito fechados... tem uns que são assim bem pé atrás, eles já ficam com o pé atrás. porque é muita gente, né, que passa aqui, né, muita gente...”

[Otc] “você vê a feira né? você vê aqui o bar e você vê a feira assim, frontal, à esquerda vem de fora e o pessoal que fica perto do coreto, no cantinho, é o **daqui**. é um grupinho que planta aqui e até uns que moram aqui, que vende, traz de Seabra.”

[Slm] “geralmente vem muita gente pra cá depois desses festi-
vais... ano pasado mesmo, com o universo paralelo, veio uma tropa, uma tropa... que os **nativos** tavam até expulsando, os nativos ta-
vam botando pra fora, já, a galera tava desrespeitando... tava queren-
do fumar em qualquer lugar, entendeu?”

[Fmg] “economicamente o Capão já é outro claramente! acho que nem na época dos outros ciclos, do diamante e do café a coisa não era tão disribuída quanto é hoje... o turismo tem o guia, tem o mo-
totaxi, tem o cara que faz transporte, a pessoa que tem o restaurante, a menina que tem uma pousada, o cara que tem um albergue. então a distribuição em termos de trabalho, de distribuição de renda no Capão é muito melhor que nos dois outros ciclos que teve...
tá bem distribuído isso, o caso do Capão não é que nem Lençóis. se você for na periferia de Lençóis, tem muita gente que não conseguiu se inserir. aqui não, aqui é bem diferente de lá, isso é notado por todo mundo.
se você observar na prática você vai ver isso. a maioria dos negócios que tem aqui ligados ao turismo, estruturados, são de **nativos** e de famílias... no caso do turismo tem muito disso, tem muitas famílias, eu conheço pelo menos umas 5 ou 6 aí assim, estruturadas, que tem 12 funcionários, desses 12 funcionários 10 é da família, sabe? é o pai, a mãe, o cunhado, sobrinhos, as sobrinhas, as irmãs... isso são várias e diversificado, várias coisas. tem gente que não é só a pousada, tem gente que tem várias coisas ligadas ao turismo...
aqui claro, tem muita gente que vem de fora que investe, que tem uma visão maior, tem recursos de fora. mas aqui de dentro mesmo, inclusive os recursos nascendo daqui de dentro mesmo tem muitas pessoas que prosperaram e hoje estão prosperando com o turismo”

[Dnl] “na Vila do Capão tem 12 anos o primeiro calçamento, que fizeram em duas vezes, em duas etapas... fizeram da ponte da Vila até um pouquinho depois da casa de Dona Beli... a galera desce ali a milhão! a milhão mesmo... **nativo, nativo mesmo**. porque a estrada é toda ruim né? o único pedaço de calçamento é aquele. o cara aprendendo a andar de moto, aí o ego, ele quer mostrar, né? ele desce ali ‘vuuum’. 12 anos depois colocaram um quebra mola.”

[Slm] “aqui mesmo no Capão tem uns **nativos** que são muito fechados... tem uns que são assim bem pé atrás, eles já ficam com o pé atrás. porque é muita gente, né, que passa aqui, né, muita gente...”

[Otc] “você vê a feira né? você vê aqui o bar e você vê a feira assim, frontal, à esquerda vem de fora e o pessoal que fica perto do coreto, no cantinho, é o **daqui**. é um grupinho que planta aqui e até uns que moram aqui, que vende, traz de Seabra.”

[Slm] “geralmente vem muita gente pra cá depois desses festi-
vais... ano pasado mesmo, com o universo paralelo, veio uma tropa, uma tropa... que os **nativos** tavam até expulsando, os nativos ta-
vam botando pra fora, já, a galera tava desrespeitando... tava queren-
do fumar em qualquer lugar, entendeu?”

[Fmg] “economicamente o Capão já é outro claramente! acho que nem na época dos outros ciclos, do diamante e do café a coisa não era tão disribuída quanto é hoje... o turismo tem o guia, tem o mo-
totaxi, tem o cara que faz transporte, a pessoa que tem o restaurante, a menina que tem uma pousada, o cara que tem um albergue. então a distribuição em termos de trabalho, de distribuição de renda no Capão é muito melhor que nos dois outros ciclos que teve...
tá bem distribuído isso, o caso do Capão não é que nem Lençóis. se você for na periferia de Lençóis, tem muita gente que não conseguiu se inserir. aqui não, aqui é bem diferente de lá, isso é notado por todo mundo.
se você observar na prática você vai ver isso. a maioria dos negócios que tem aqui ligados ao turismo, estruturados, são de **nativos** e de famílias... no caso do turismo tem muito disso, tem muitas famílias, eu conheço pelo menos umas 5 ou 6 aí assim, estruturadas, que tem 12 funcionários, desses 12 funcionários 10 é da família, sabe? é o pai, a mãe, o cunhado, sobrinhos, as sobrinhas, as irmãs... isso são várias e diversificado, várias coisas. tem gente que não é só a pousada, tem gente que tem várias coisas ligadas ao turismo...
aqui claro, tem muita gente que vem de fora que investe, que tem uma visão maior, tem recursos de fora. mas aqui de dentro mesmo, inclusive os recursos nascendo daqui de dentro mesmo tem muitas pessoas que prosperaram e hoje estão prosperando com o turismo”

PESSOAS QUE VIERAM MORAR

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Mnc] “tem uma menina que já está aqui a uns 5, 6 anos e uma vez a gente tava sentada, já isso a uns 2 anos, num momento assim desses de muita gente, ela feliz da vida, inclusive, ela faz várias raves no camping dela... e afinal ela falando que adorava isso e eu ‘é, mas você chegou nessa época de maluquice e de festa o tempo todo, mas **quem veio morar aqui primeiro** é porque não tinha, porque podia estar tranquilo. we aí você vê, quando a gente fica aqui sozinho depois que acaba essas festas, todo mundo que senta diz assim ‘ai, que bom né, o Capão vazio!”

[Smu] “a gente de Lençóis fez uma trilha, que é a Fumaça por baixo, e chegamos aqui no Capão, fomos recebidos logo por seu Dai que ele tinha um barzinho ali na cachoeira da Fumaça... a gente tava um trapo assim, todo melado de barro aí ele falou ‘vocês viram da trilha’ a gente falou ‘foi, a gente veio da trilha’, ‘da fumaça por baixo’ ‘é’ ‘vocês são da onde’ ‘de salvador’, ele entrou na salinha, voltou com esse prato de fruta e granola e mel, botou pra gente que estava esfomeado... e aí quando eu perguntei ‘quanto é’ ele ‘oxe, que é isso moço, quieta, não é nada não. tem fruta aqui perdendo’ e eu fiquei encantado com isso, pensei ‘porra, nem conhece a gente’. aí ele perguntou ‘e vocês tem onde ficar?’ aí a gente falou ‘não, a gente acabou de chegar no Capão, não conhecemos nada’ aí ele falou ‘ah, vocês vão ficar na minha casa’. aí levou a gente pra casa dele. na verdade, era uma casinha que tinha no fundo do bar que ele tinha e falou ‘podem ficar aí o tempo que quiser’...”

[Mnc] “oração da mãe universal: ‘que o Vale do Capão seja sempre um santuário ecológico, um lugar de paz, um lugar de silêncio, um lugar de cura, um lugar sagrado, um lugar de fraternidade, um foco de luz na obscuridade planetária’ e eu escrevi do lado ‘tá ficando difícil’ porque realmente as pessoas vem, mas com uma semana o silêncio cansa, então procuram festa... os deslumbramentos são diferentes de **quando eu vim morar**, de quando **as pessoas que criaram esse panfletinho vieram morar**.”

[Otc] “**eu vim pra cá** mais me descobrir mesmo, né, como ser humano. e aqui eu podia ficar aqui, ser eu mesmo, fazer minhas experiências sem estar me expondo tanto.”

[Otc] “o Capão eu tinha conhecido desde a década de 80, que meus amigos vinham pra cá e diziam ‘porra velho é de fuder mas ó lá você, se você for você não volta’. todos me diziam isso.”

[Otc] “então o pessoal nativo ficou muito com o pé atrás com **essa galera que vinha** com boas intenções e se fecharam... eu acho que eu sou assim bem aceito e considerado como alguém bom pra comunidade porque foram 4 anos e meio (como oficial de justiça)... mas se realmente você não fizer aquilo que você acredita todos os dias, todas as horas, os nativos vão ficar como pé atrás pra você porque até aonde você é mais um que tá aqui pra explorar?”

PESSOAS QUE ESTÃO VINDO MORAR

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Mnc] “então a educação de **quem tá vindo morar** tá sendo difícil. tanto estrangeiros de fora do país, quanto do país, brasileiros. as pessoas não tão respeitando cada uma o limite das outras... por causa desse pensamento que aqui se pode fazer o que quer.”

[Mri] “eu tava querendo fazer arte e eu sabia que o Capão tinha esse espaço de arte forte e aí vim conhecer. minha mãe se apaixonou pelo Capão porque ela disse ‘ah, Lençóis é muito Babilônia, é muito pra turista. Capão é mais família.”

[Mnc] “**muita gente tá vindo morar** aqui pela permissividade, porque tudo pode, não tem polícia, você pode andar quase nu... pode vender qualquer coisa, muita gente vendendo comida, ninguém sabe qual é a higiene, qual é a água, nada. muita gente tava vindo morar também porque não paga imposto, já não paga a conta da água.”

[Fmg] “às vezes chega uma pessoa que aluga uma casa, um urbanóide desse aí, ou tá numa pousada, e fala ‘como não tem água?’. só que ele não sabe de onde vem a água, ele não paga água e ele ainda reclama porque não chegou água. só que nossa história aqui é diferente. não chegou água inclusive por culpa dele mesmo, que são as **pessoas que tão chegando** que não tão imbuídas nessa história. e por culpa claramente do poder público.”

[Mri] “mas na época da seca, que eu molhava planta todo dia, né, Chica reclamou, falou que não podia ficar molhando as plantas, que tava faltando água, que era um problema a água, entendeu? E eu fiquei pirada no início, sabe? porque ‘ah, eu vim pra cá pra isso, pra molhar as plantas’ ...”

[Fmg] “eu acho que se essa comunidade reagir, fazer o que ela já fez, ela pode mudar a história disso aqui. agora, se ela continuar nessa inércia, nessa coisa de estar olhando muito pra si, e principalmente **esse povo que tá chegando**, que tá interagindo muito com outras coisas, trazendo novos conceitos, novas condutas... se essas pessoas não se juntarem com os daqui, não pensarem em fazer o que fazia antigamente, eu não sei aonde vai não.”

[Mnc] “mas se **quem tá vindo morar**, tá vindo por causa da desordem, como é que vai botar ordem?”

[Mnc] “a ocupação de gente aumentou muito. a ocupação estrangeira aumentou muito também, né, parece que tá virando aqui o segundo Chile. **muita gente vindo pra cá**... eles não demonstram uma cultura ambiental melhor que a nossa, então isso é preocupante pra mim. não se integram, não aprendem a língua, continuam hablando como se fosse normal... com você também inclusive, se precisar.

[Fmg] “mas eu acho que talvez um dos maiores problemas relacionados a isso no Capão hoje são **as pessoas que estão morando** no Capão. hoje em dia o Capão tem muito mais gente do que antes, além de turistas que vem periodicamente nesses feriados longos. tem mais moradores e tem muita gente que é gente da cidade que tá acostumado a pagar a água e ter água na torneira, a pagar energia e ter energia, sabe? tá acostumado a pagar, pagar. não tá acostumado a trabalhar assim.”

COMUNIDADES ALTERNATIVAS

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Smu] “o que me fez ficar encantado, além da natureza daqui do lugar, foi a qualidade energética das pessoas, dos nativos. a maioria ainda era nativo não tinha muito turista. assim, tinha já o movimen- to hippie (em 1996) que começou um pouco antes com a chegada de doutor Áureo e aquelas outras pessoas que foram lá fundar o **Lothlorien**, já tinha começado ali a questão das **Campinas** se não me engano e também acho que tava iniciando ali a história das **Rodas**. então tava uma coisa ainda mágica, nebulosa, e você via muito nos nativos a pureza...”

[Nem] “o uso mesmo dos remédios daqui, que chama remé- dio do mato... algumas pessoas já sabiam usar os remédios. só que assim, não sabiam usar a quantidade certa, pra que servia. Áureo che- gou e outros médicos que vieram, hoje já não moram mais aqui, mas ensinaram o pessoal a usar. Áureo foi um dos primeiros da **comunidade**, né? Áureo ele abraça a comunidade mesmo com toda sua força.”

[Otc] “vim pra cá e foi uma porrada muito grande porque vim com um pessoas da justiça, uns amigos meus, pro **Lothlorien**. aí eu achei muito lindo Lothlorien, aquela relação da galera, uma co- munidade ainda...”

VERANISTAS

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Fmg] “o turista que vem, **o cara que tá constru- indo a casa de veraneio** aqui, ele não tá nem aí não... ele quer que a rua dele esteja calçada... mas ele não tá aqui afim de participar do movimento... ele faz um reservatório de 20 mil litros de água e quando ele volta, ele quer que esteja cheio pra ele usar.”

[Otc] “é um absurdo a velocidade como se constrói casas aqui dentro sem necessidade. o cara bota uma mansão da porra... 200 sacos de cimento, algo assim, pro cara **veranear!**”

[Nem] “quem organiza esses festivais às vezes são **pessoas que nem moram aqui**. tem terreno, mas não moram aqui, ficam um bom tempo em Salvador. por exemplo, o fes- tival de jazz... e às vezes eles contratam bandas do estilo deles né? mas o estilo da maioria das pessoas que são fixas, não agrada muito. o pessoal não gosta muito.”

[Mnc] “nos gatos... tem várias **casas legais** lá. tem um condomínio que é da família dela e aí eles lotearam assim pra pes- soas que eles conheciam, abastadas, com grana pra construir casas bacanas e tem casas muito bacanas, bem feitas... e muito grandes pra **quem não mora aqui**, né?”

[Smu] “tão vindo investidores agora com maior potencial. tão vindo casas luxuosas onde isso nunca existiu... tem construtores ricos, a exemplo daquela casa que foi construída lá no Bomba... e eu já vi muitos projetos de loteamentos para serem aprovados. então já tá omeçando a ter essa visão empreendedora mesmo de criar con- domínios com **casas de veraneio** em condomínios mais luxuosos.”

DONOS DE POUSADAS

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Mnc] “eu cheguei, tinha a pousada de Seu Dai, já tinha a Sempre Viva e que eram **pousadas** muito requisitadas, eles passavam o ano cheio... Emanuel da Pousada do Capão não tinha tanto movimento. não era tão desenvolvida quanto tá agora, era bem mais simples... mas ele não tinha o turismo tão certo como esses meninos nativos tinham. e isso é bacana.”

[Nem] “acho que 70% das pessoas que moram aqui vieram de fora. só que assim, a maioria dessas pessoas querem bem ao lugar, né, querem somar junto. mas outros não, outra parte não. por exemplo... muitos **donos de pousada** eles não tão nem aí. eles montam, chega aqui compram um terreno grande, investe aí, monta sua pousada, não paga iptu, não paga nada. se não der certo pra eles, eles tem uma saída pra lá de onde eles veio. e o pessoal nativo aqui vai pra onde, sabe?”

[Fmg] se você observar na prática você vai ver isso, que a maioria dos **negócios que tem aqui ligados ao turismo**, estruturados, são de nativos e de famílias... no caso do turismo tem muito disso, tem muitas famílias, eu conheço pelo menos umas 5 ou 6 aí assim, estruturadas, que tem 12 funcionários, desses 12 funcionários 10 é da família, sabe? é o pai, a mãe, o cunhado, sobrinhos, as sobrinhas, as irmãs... isso são várias e diversificado, várias coisas. tem gente que não é só a **pousada**, tem gente que tem várias coisas ligadas ao turismo... aqui claro, tem muita gente que vem de fora que investe, que tem uma visão maior, tem recursos de fora. mas aqui de dentro mesmo, inclusive os recursos nascendo daqui de dentro mesmo tem muitas pessoas que prosperaram e hoje estão prosperando com o turismo”

[Nem] “os **donos de pousada** geralmente o que eles fazem... geralmente eles pegam o ramal do cano geral, como na pousada do Capão por exemplo, eles fazem uma sísterna grande de 60 mil litros.enquanto não encher a sísterna dele a água não vai pra aquela caixa de mil que tá num nível maior, não vai... aí o pessoal que mora nas partes mais altas fica sem água. outros fazem registro... ele bota um registro, tranca esse cano aí a água vai toda pra encher a caixa dele... acontece que a maioria dos donos de pousada aqui é assim.”

[Fmg] “a comunidade teve condições e fez lá atrás quando era pouca gente, quando as pessoas se doavam mais, quando tava mais junto. mas hoje tá tendo resort construído no Capão, **pousadas** grandes, mansões de dois, três milhões sabe? eu não sei aonde vai isso porque ninguém vai ficar fazendo mutirão pra melhorar o acesso pra um resort que o cara gastou milhões lá... e outra coisa, a água dessas pessoas ela tem que ser paga, sabe? porque água é um bem comum mas ela tá gerando recurso.”

[Nem] “eu acho que a maioria do pessoal mais nativo esquentava por causa disso. porque quando tem reunião pra tratar do assunto (da água), o que o pessoal faz? deixa eles (os donos de pousada) falarem, deixa eles darem o ponto de vista deles... porque assim claro, eles vão ganhar né? alguns nativos não tem aquela concepção de falar sobre o assunto, de debater com uma pessoa que já tem assim um discernimento maior, uma facilidade maior de falar em público... a maioria dos nativos, até mais idoso, tem aquela forma de falar mais rústica né? até entende sobre o assunto mas fica com vergonha... tem **muita gente que vem, monta pousada** e aí fica aquela guerra comercial.”

TURISTAS

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Fmg] “o **turista** que vem, o cara que tá construindo a casa de veraneio aqui, ele não tá nem aí não... ele quer que a rua dele esteja calçada... mas ele não tá aqui afim de participar do movimento... ele faz um reservatório de 20 mil litros de água e quando ele volta, ele quer que esteja cheio pra ele usar.”

[Nem] “o pessoal fala assim ‘ah, não conserta a estrada mais porque vai vir as pessoas com **aqueles ônibus cheio de gente de fora**... o pessoal jogando latinha nas estradas. mas pô, não vem desse jeito, não vem com os carros pequenos, sabe? se não vem agora que a estrada está boa, não vem do mesmo jeito aquelas pessoas?”

[Dnl] “o Capão, imagine... chegou **esse tanto de gente** aí com a estrada do jeito que é, os carros tudo arrastando aí, pegando... imagine se fosse asfalto. triplicava!”

[Slm] “geralmente **vem muita gente pra cá depois desses festivais**... ano pasado mesmo, com o universo paralelo, veio uma tropa, uma tropa... que os nativos tavam até expulsando, os nativos tavam botando pra fora, já, a galera tava desrespeitando... tava querendo fumar em qualquer lugar, entendeu?”

[Mrn] “a criatura tava querendo tomar banho com lux luxo no Riachinho”

[Smu] “o contato com o povo buscador, assim, de um caminho de luz. aqui vinham muitos **bucadores** e ainda vem. porém você vê, as formas de busca estão mudando...estão ficando assim, vamos dizer, artificiais.”

[Slm] “eu quando não tô afim de ir de bike eu pego carona, vou e volto de carona. mas épocas que ficam mais cheias assim também eles já não dão tanta carona não. não sei se foi hoje que eu peguei uma carona. a gente veio conversando né, e tal, ‘tu mora aqui e tal, tu é daonde e tudo’, e ele tava indo pra Palmeiras. aí quando chegou lá na esquina da vila eu desci, né, aí tinha uma menina pedindo carona. ela ‘ah você tá indo pra Pal meiras? aí ele falou assim, já ficou meio assim, né, ‘ah, tô’. ‘ah, será que você pode dar uma carona pra gente?’ aí ele ‘ah, carona carona não, a gente conversa’... falou assim mesmo!! porque achou que era **turista**, entendeu? que vem com dinheiro, pra gastar e tudo... entendeu? rola isso também porque essa é uma época que todo mundo quer fazer um pé de meia, entendeu? essa é a época que a galera trabalha mais. todo mundo nessa época trabalha muito pra recepcionar, né, todo mundo. pra dar conta da demanda... aqui não sei quantas pessoas moram aqui normalmente, mas nessa época de alta temporada duplica, triplica quíça.”

ASSOCIAÇÕES

[Otc] “o Capão ainda é melhor porque ainda tem um pessoal nativo que chega. tem a **associação de pais**... as associações mais fortes aqui são duas, **a de pais e de guias**, que é a **acv-vc**, são as mais fortes, de coesão dos naturais residentes mais forte.”

[Dnl] “muitos já descreditaram. meu pai mesmo já foi em várias **reuniões** e hoje em dia eu nem chamo ele que ele não vai. é porque também fica muito bla bla bla, né... às vezes uma reunião era pra chegar num objetivo e não chega em nada, né, porque é muito ego... aqui é muita gente se sentindo iluminada, é muito iluminado. porque a galera se sente muito iluminada, principalmente a galera que veio morar aqui. não são todos, né. ‘não, porque dinheiro, não porque paz e amor’ só que o pai e a mãe todo mês manda grana ou então tem um apartamento alugado. e aí às vezes mete o pau na galera nativa. só que a gente... se eu não trabalhar meu pai e minha mãe não vão me dar nada. então a galera fica muito nessa coisa iluminada, vai nas reuniões cheio de idéia, mas na verdade cheio de ego, entendeu? chega nas reuniões ‘não, isso não pode, isso não é bom, isso não, isso aquilo, ah porque vocês...’ você fala em comprar um carro, não pode porque o carro polui muito, você tá alimentando uma indústria x... eu concordo com várias coisas, mas tem coisa que não dá, a galera exagera. então você chega numa reunião dessa pra resolver uma coisa que é prática e daqui a pouco você não chega em nada, entendeu? a galera tá meio esgotada de reunião.”

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Smu] “se você vai numa **reunião** você vê muito interesse pessoal. então quem vai geralmente nas reuniões quando a gente tá tentando reunir algum tema você vê que são ou o pessoal do comércio ou o pessoal do turismo, os donos das pousadas... porque cada um quer defender o seu peixe... e o pessoal nativo, eles ficam um pouco por fora na verdade.”

[Nem] “quando tem **reunião** pra tratar do assunto (da água), o que o pessoal faz? deixa eles (os donos de pousada) falarem, deixa eles darem o ponto de vista deles... porque assim claro, eles vão ganhar né? (...) alguns nativos não tem aquela concepção de falar sobre o assunto, né, de debater com uma pessoa que já tem assim um discernimento maior...”

[Otc] “o pessoal da **acv-vc** mesmo, não tem hora. 3 da manhã, tem incêndio em não-sei-onde, eles levantam e vão subir serra.”

[Nem] “quando tem incêndio, eu te falo assim por experiência própria... a gente é os primeiros a chegar. o ibama chega depois de duas, três horas. a gente já tá apagando e ele chega.”

[Nem] “tinha alguns tópicos na **associação (de guias, acv-vc)** que eu não concordava, eu tinha minhas ideias né, de que não é qualquer pessoa que pode chegar na associação e sair guiando... não é porque você chegou no Capão, você vai ali no Rio Preto... você passa a morar aqui aí você vai no Rio Preto, vai na Fumaça... só porque você conheceu local, você tá ali a 5 meses, você pode ser guia. não é assim que funciona. quando eu tinha 9 anos eu já subia essas serras tudinho pegando candombá pra vender.”

PODER PÚBLICO

interlocutores:

nativo

peessoas que vieram morar

peessoas que estão vindo morar

[Dnl] “a poeira na estrada... aí vai e pega aqui esse riacho, aqui passa um riacho. quando a seca é muito punk ele seca, tipo, ele para de correr, fica só os poços. aí o **prefeito** vem com o **secretário de turismo** e manda o cara encher o caminhão pipa ali nessa pontezinha que tem aí, no pocinho! ah brother, eu fico maluco. já saí daqui maluco umas duas vezes... 20 mil litros de água. aí vocês perguntam ‘pra que a água?’, pra jogar na estrada. só que cê joga água na estrada, meia hora depois secou tudo de novo, véi! ainda tem uma galera daqui, nativa, que acha ruim que você tá indo falar.”

[Dnl] “tanto tem (cascalho) que agora, que foi um trabalho recente na ladeira dos Campos, teve um caos ali na ladeira que vai pra Fumaça, né? os carros não subia, virou um caos. aí ele cascalhou tudo, né, agora tá um pouco melhor. a galera tirou uma foto, botou no facebook ‘ladeira do **Didico**’ que é o **prefeito**. nesse dia aí ninguém subiu, porque virou uma lama... o ônibus que vai pra Seabra não subiu, caminhão que ia trazer material de construção não subiu, atolou um caminhão baú que vinha trazendo mercadoria e aí é que não subiu mais ninguém mesmo... tornou um caos.”

[Smu] “tem também a questão da acessibilidade do Riachinho, porque as pessoas desciam ali de forma aleatória, acabando com a vegetação local e fazendo muitos caminhos. e aquilo que a gente sabe que a chuva vem e vai erodindo. e agora fez um calçamento de pedras descendo até o Riachinho e que foi bastante criticado também... depois que ficou pronto eu só ouço elogios... o projeto do Riachinho foi feito com o fundo do **Comturma**” (Conselho Municipal de Turismo e Meio Ambiente)

[Fmg] “Então por exemplo, o Capão foi que deu mais gente. O Capão tinha biólogo, tinha geógrafo, tinha gente que ia... Mais pessoas participando. Então a gente tinha uma equipe, uma coordenação e nessa coordenação tinha um monte de gente que a gente tinha pensado de vários lugares... Isso tudo voluntário porque na realidade só tinham três que eram **funcionários públicos**.” *sobre o desenvolvimento do plano diretor de Palmeiras.”

[Dnl] “inclusive a gente fez assim: **ele (o prefeito)** traria o cascalho e a gente espalhava o cascalho”

[Fmg] “a comunidade tá se juntando pra calçar pedaços do corredor, porque a poeira tá insuportável. ali como é que tá sendo feito... a **prefeitura** entra com os paralelos e com a areia e com o maquinário, trator, caçamba, carro pipa, e a comunidade entra com o pagamento de cimento e a mão de obra da empresa que faz.

[Smu] “em breve a gente (**Comturma**) vai tá querendo fazer um receptivo pro Riachinho pra ter um controle também do que é que desce, do que não pode, pessoal descendo com cachorro, com bebida, churrasqueira. então em breve a gente tá querendo fazer um receptivozinho ali pra orientar o pessoal.”


[Nem] “quando tem incêndio, eu te falo assim por experiência própria... a gente é os primeiros a chegar. o ibama chega depois de duas, três horas. a gente já tá apagando e ele chega.”

GRANDE MÍDIA

interlocutores:

 nativo

 pessoas que
vieram morar

 pessoas que
estão vindo morar

[Otc] “quando passou o Capão no **Na Carona**... lembra Na Carona, Liliane Reis, pá? porra bicho, foi massa porque Liliane, jovem pra caramba na época, baiana... e ela já conhecia o Capão, então ela veio veio na rural, ela foi mostrando o Capão mesmo como é que é, não o Capão festival de jazz.”

[Fmg] “quando sai na **Globo** uma parada dessa (globo repórter sobre a Chapada Diamantina), aí vem pra cá gregos, troianos e baianos, sabe? vem gente de tudo quanto é tipo. enquanto era uma coisa natural que você saía daqui e fazia uma propaganda lá pros seus amigos, que são seus amigos, pensam como você em preservação... aí vinham pessoas pra cá desse naipe. quando sai na Globo vem gente de tudo quanto é tipo e os tipos que tem grana pra vir pra cá, porque a vida aqui é cara, são essas pessoas que não tão nem aí... gente que mistura o lixo pra jogar no girau (de lixo seco), sabe? gente que vem pro paraíso de carro, sabe? é gente que não tá nem aí com nada não. e aí isso, o problema maior da propaganda em **mídia nacional** é que vem gente que não tem nada a ver.”